Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

www.dn.pt / Quinta-feira 29.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 742 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

FALTA DE PROFESSORES
LISBOA, BEJA, FARO E SETÚBAL NÃO TÊM CANDIDATOS SUFICIENTES

EDUCAÇÃO Se as aulas começassem hoje, haveria 48 mil alunos sem professor. Há 21 disciplinas, entre elas Informática, Português, Línguas Estrangeiras e Matemática, que estão sem docentes disponíveis em várias zonas do país. A situação não é nova, mas ter-se-á agravado este ano. "Vai perdurar a nuvem cinzenta da escassez de professores", diz Filinto Lima, da Associação de Diretores. PÁGS. 10-11

Saúde
Nenhum país da UE obriga médicos a ficar no SNS. Na Europa, só a Albânia o faz

Austrália, Noruega e Países Baixos têm os melhores Sistemas de Saúde do mundo

PÁGS. 4-6

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

CLEMENTINA ALMEIDA

FUNDADORA DA CLÍNICA FORBABIESBRAIN BY CLEMENTINA E TAMBÉM DO 1º SPA CLÍNICO PARA BEBÉS DA EUROPA

"O MEU *HOBBY* MAIS INCOMUM? COLECIONAR AZULEJOS PORTUGUESES ANTIGOS"

PÁG. 14

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Ambiente
Empresas de distribuição pedem que seja suspenso regulamento anti-desflorestação
PÁG. 15

Espaço
Descobertos seis novos mundos nómadas num berço de estrelas
PÁG. 12

Documentário
Amor de Pai, olhar para a América afrodescendente sem condescendências
PÁG. 24

Kalorama
Entre alegria e preocupação. "Vizinhos" preparam-se para três dias de festival
PÁGS. 22-23

LIGA DOS CAMPEÕES SPORTING E BENFICA CONHECEM SORTE NA NOVA *CHAMPIONS* COM 36 CLUBES PÁG. 20

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

O cogumelo mortífero

"O cogumelo atómico *muito bonito* resiste na memória de alguns habitantes de Semey, sobretudo contado pelos pais e avós que viviam, sem saber de nada, nas aldeias próximas do Polígono de Semipalatinsk, onde a União Soviética testou 456 bombas nucleares. Mas a cratera criada pela primeira explosão, a 29 de agosto de 1949, continua aqui, mal disfarçada pela vegetação da estepe cazaque. Assim como continuam os altos níveis de radioatividade, com o contador a apitar com insistência, apesar das garantias de Amir Kayirzhanov de que são normais."

Iniciei assim uma reportagem publicada no DN há cinco anos, e Kayirzhanov era o técnico do Centro Nuclear Nacional do Cazaquistão, que vestido com um fato especial branco e com máscara para respirar – obrigatórios também para os jornalistas – me explicava que "normais" quer dizer 15 vezes mais do que seria admissível numa cidade. A mais próxima é a pequena Kurchatov, uma espécie de centro de investigação que tem o nome do cientista soviético que ofereceu a Estaline a tão ambicionada bomba atómica, mas é a 150 quilómetros, em Semey (antiga Semipalatinsk, ou "Cidade das Sete Casas" em russo), onde além de um museu dedicado a Fiódor Dostoiévski, a lembrar que o escritor ali viveu, que há uma importante escola médica com uma sala cheia de frascos de formol com fetos com duas cabeças e outros exemplos de malformações atribuídas às radiações nucleares. Tirei fotografias, mas nunca tive a coragem de publicá-las.

"Foi uma luz enorme. Nunca tinha visto nada assim. A União Soviética não queria ficar atrás da América e foi a América que começou tudo", disse-me Oshybayev Otegen, de chapéu tradicional cazaque, agarrado a um andarilho, misturando memórias de juventude com análise geopolítica. Encontrei-o num lar para idosos em Semey, onde uma divisão-museu guarda as condecorações dos que por ali passaram e eram veteranos da Grande Guerra Patriótica, que é como na Rússia, no Cazaquistão e noutras antigas repúblicas soviéticas se chama à Segunda Guerra Mundial.

Os cazaques, embora orgulhosos da independência alcançada em 1991, reclamam a sua quota-parte na vitória sobre os nazis e têm como herói nacional Raqymjan Qoshqarbaev, o primeiro soldado a desfraldar a bandeira soviética no *Reichstag*, em Berlim, em maio de 1945.

Ainda na era soviética, Nursultan Nazarbayev, que viria a ser o primeiro presidente do Cazaquistão, encerrou o Polígono de Semipalatinsk. E nas últimas décadas o país tem estado na primeira linha pelo fim dos testes nucleares e até pela erradicação das armas nucleares. O atual presidente, Kassim-Jomart Tokayev, quando era ministro dos Negócios Estrangeiros participou na discussão do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP) e assinou o Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBT). O país da Ásia Central, que tem as maiores reservas de urânio do mundo, desistiu do arsenal soviético herdado e milita por um mundo sem armas nucleares, mas discute agora se deve ou não construir uma central nuclear. Provavelmente, a decisão terá de ser por referendo.

O nuclear para uso civil continua tema de debate a nível mundial, sendo mais de 30 os países que têm centrais (10% da produção elétrica mundial) e havendo vários outros com planos de construção, mas em sentido contrário a Alemanha encerrou em 2023 os últimos reatores. Os argumentos a favor são o contributo para a redução da dependência do petróleo e do gás natural, os contra são os riscos gravíssimos em caso de acidente, o mais célebre de todos a ser o de Chernobyl, na Ucrânia ainda soviética, em 1986. Agora é a central de Zaporíjia, também na Ucrânia, que está no centro das atenções por se encontrar perto da linha da frente na guerra russo-ucraniana. Entre trocas de acusações, apesar de tudo tanto a liderança ucraniana como a russa têm-se mostrado responsáveis *q.b.*, e a agência da ONU para a energia nuclear mostra estar vigilante.

Mas entre o nuclear civil e o nuclear militar há uma diferença enorme. O primeiro, apesar dos riscos, pode ajudar a Humanidade; o segundo pode destruí-la.

No polígono de Semipalatinsk, faz hoje 75 anos, a explosão controlada por Igor Kurchatov punha a União Soviética em plano de igualdade com os Estados Unidos, que desde 1945, quando lançaram as bombas sobre Hiroxima e Nagasáqui, detinham o monopólio atómico. Há historiadores que dizem ser a data do início da Guerra Fria, pois se a competição ideológica entre Moscovo e Washington começou ainda antes da Segunda Guerra Mundial terminar, nunca se tornou num conflito quente porque as duas superpotências que tinham capacidade de destruição mútua. E do resto do planeta.

Essa capacidade de destruição mantém-se. A bomba nuclear é até muito mais poderosa do que a atómica. O primeiro teste feito pelos americanos mostrou logo uma capacidade destrutiva muito superior à da *Little Boy*, a bomba de Hiroxima. Cientistas calculam que, hoje, uma bomba nuclear pode ser 1000 vezes mais forte do que a de 6 de agosto de 1945, que matou muitas dezenas de milhares de japoneses, forçando, depois do lançamento sobre Nagasáqui da *Fat Boy* (mais dezenas de milhares de mortos), à rendição incondicional do imperador Hirohito.

Um estudo da Universidade de Princeton datado de 2019 apontava para 34 milhões de mortos e 57 milhões de feridos num conflito nuclear entre os Estados Unidos e a Rússia só nas primeiras horas."

Se pensarmos que o arsenal nuclear global é, hoje, de cerca de 13 mil ogivas (americanos e russos juntos têm mais de 11 mil) e que são nove os países dotados dessa arma, é evidente que qualquer ameaça de uso por quem quer que seja é terrivelmente preocupante, mesmo que possa ser *bluff.*

Um estudo da Universidade de Princeton datado de 2019 apontava para 34 milhões de mortos e 57 milhões de feridos num conflito nuclear entre os Estados Unidos e a Rússia só nas primeiras horas. E um outro estudo do género, por uma organização de cientistas antinuclear, sobre um eventual conflito nuclear entre a Índia e o Paquistão previa, mesmo que confinado à Ásia do Sul, que teria um impacto no planeta tão grave que poria mais de dois mil milhões de pessoas em risco de fome devido ao efeito na atmosfera, o famoso Inverno Nuclear.

Por muitas dúvidas que se possa ter sobre a exatidão destas previsões, a dimensão dos números é suficiente para provar a gravidade de qualquer uso da arma nuclear, mesmo as alegadamente "táticas", pois, além da questão da radioatividade, há sempre a possibilidade de uma escalada, mesmo que o arsenal global esteja longe do recorde da Guerra Fria.

Em Hiroxima já não se mede a radioatividade, felizmente. Nem em Nagasáqui. Mas, quando estive em ambas em reportagem, nunca ouvi nenhum japonês descrever como belos os cogumelos atómicos. Foi o único povo que sentiu na pele – literalmente – o poder destrutivo imediato do novo tipo de arma. Os cazaques, que viram as explosões na sua terra (116 das 456 foram à superfície), ignoravam o que era, e neles a radiação foi atuando ao longo dos anos. Conta o pintor cazaque Karipbek Kuyukov, que nasceu sem braços, que a mãe lhe disse ter observado vários desses cogumelos atómicos. Não sabia que eram mortíferos. Nenhum líder das nove potências nucleares pode alegar o mesmo.

29.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

SAÚDE

Obrigar médicos a ficar no SNS é solução para a falta de recursos? Na Europa, só Albânia legislou medida

MUDANÇAS Portugal não é o único país da Europa ou do Mundo a discutir se deve ou não obrigar os médicos a ficarem no serviço público para colmatar a falta de recursos humanos. O Reino Unido tem vindo a fazê-lo. E ainda não conseguiu. A European Junior Doctors Association veio defender, num artigo publicado há um mês, que a questão integra fatores legais, éticos e estratégicos.

TEXTO **ANA AMAFALDA INÁCIO**

É recorrente. Cada vez que se fala sobre a falta de médicos no Serviço Nacional de Saúde (SNS) há sempre quem venha defender que a solução seria obrigá-los a ficar no serviço público alguns anos após a especialização, muitas vezes com o argumento de que se formaram numa universidade pública e à custa do contributo do erário público. Este ano, antes das eleições, o PS desenterrou o tema e voltou a admitir aplicar "um período de permanência após a especialidade", o que já tinha sido também equacionado por outros Governos socialistas. A medida não passa da discussão, mas provoca sempre muita reação. Na altura, os sindicatos médicos manifestaram-se logo contra, considerando a possibilidade "ilegal" e "discriminatória".

Este mês um comentador de uma televisão veio falar do assunto e o ex-diretor-geral da Saúde Francisco George manifestou-se também a favor, sendo acompanhado por outros. Ao DN, Francisco George assume que, para si, é "incompreensível que um médico especialista depois de ter feito cinco anos de Faculdade de Medicina, um ano de internato geral e, em regra geral, mais cinco anos de internato da especialidade, seja autorizado a passar imediatamente a seguir para o setor privado".

A situação, argumenta, "só beneficia o setor privado, que fica com o trabalho destes especialistas formados pelo Estado sem ter gastado nada na sua formação, quando os custos desta são de grande monta".

O médico socorre-se também do exemplo que normalmente é referido, o da Força Aérea, onde os pilotos que ali se formam só podem abandonar o serviço ao Estado ao fim de alguns anos. "Para mim, esta solução pode aplicar-se aos médicos, penso que até será socialmente compreendida."

Mas há quem não concorde. O DN quis saber o que pensam quem esteve na organização de várias reformas do SNS e ouviu Constantino Sakellarides, também membro do Conselho-Geral da Fundação do SNS e ex-diretor-geral da Saúde, bem como quem está ao lado dos estudantes, o diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC), Carlos Robalo Cordeiro. E para ambos esta solução "é adiar o que é inevitável" e "não se estaria a resolver o problema de fundo do SNS", que "é criar condições de trabalho".

Algo que é também defendido por Francisco George, porque, ao mesmo tempo que defende que os médicos devem ser obrigados a ficar, até defende que devem poder sair e voltar. "É uma medida que deve ser acompanhada por outras, para os incentivar a voltar."

Reino Unido: da proposta de obrigatoriedade ao abandono da profissão

Mas esta discussão só acontece em Portugal? Não. Outros países, como o Reino Unido, que tem um Sistema Nacional de Saúde (NHS, na sigla inglesa) idêntico ao português, universal e maioritariamente gratuito, há muito que o faz e sem qualquer decisão.

Na Europa, só a Albânia legislou a medida no ano passado, em julho, e com aplicação no novo ano letivo. Os recém-licenciados passaram a ficar obrigados a cumprir mais cinco anos no Sistema de Saúde do país, para colmatar a fuga de recursos para outros países, mas a medida levou os estudantes à rua com protestos e ameaças de boicotar o novo ano letivo.

Passou um ano, e o *feedback* que o DN conseguiu foi da parte de outros estudantes na Alemanha e no Reino Unido, que nos disseram que "há albaneses a sair do país para estudarem naqueles países, por não quererem ficar agarrados àquela situação".

No Reino Unido, a discussão sobre este tema dura há muito tempo, e o motivo também é a fuga de profissionais para países que têm os melhores Sistemas de Saúde do mundo, como Austrália e Nova Zelândia. Em 2017, o Departamento de Saúde do NHS formalizou mesmo uma proposta para ser apresentada no Parlamento que incluía até penalizações: "Os médicos recém-especialistas teriam de realizar serviço obrigatório no NHS durante um período após a formatura ou incorreriam numa penali- zação financeira significativa." No caso de saírem do NHS e, depois, quererem voltar, teriam de pagar também uma quantia.

O Royal College opôs-se de forma determinante com o argumento de que tal "não melhoraria o atendimento ao paciente e seria prejudicial à moral dos formandos", propondo que, em vez de se apostar em punições por se deixar o NHS, se apostasse em recompensas financeiras e mais condições de trabalho para reter os médicos. Por exemplo, o pagamento de uma parte da dívida que muitos contraem para pagar propinas.

Num dos textos publicados pela European Junior Doctors Association (EJDA) sobre o tema pode ler-

"A solução aplicada na Força Aérea poderia aplicar-se aos médicos, penso que até seria socialmente compreendida."

Francisco George
Ex-diretor-geral da Saúde

VITOR HIGGS

Falta de médicos na UE?

Em 2021, estatísticas divulgadas pelo Eurostat indicavam que a União Europeia tinha mais de 1,82 milhões de médicos – uma média que é significativamente melhor quando comparada com outras regiões do mundo, embora com grandes diferenças entre os 27 membros. Ou seja, no rácio por 100 mil habitantes há diferenças consideráveis entre países, mas o problema é que o número de médicos registados nem sempre corresponde ao número dos que estão no ativo no Sistema de Saúde de cada país. Esse é o problema de Itália, que tem o maior número de médicos por 100 mil habitantes: 726. É seguida pela Suécia, que tem 718,68, e pela Alemanha com 656,22, que não sofrem deste problema. O mesmo já não acontece coma Grécia que tem 629,22 médicos por 100 mil habitantes e falta de médicos no Sistema de Saúde. A Bélgica tem 671,1 médicos, a Hungria 614,17, Espanha 598,56 e Portugal 562,04. Todos com falta de médicos no Sistema de Saúde e à procura de soluções. Depois aparece a Áustria com 540 médicos, a Holanda com 420 médicos e sem escassez de recursos humanos. Os motivos para esta situação, segundo o relatório do Eurostat, vão do facto de a Europa ter "uma população médica envelhecida", em que o maior número de profissionais está acima dos 55 anos, à "emigração" para outros locais do mundo com "melhores condições de trabalho e mais salário". O país da UE com o rácio mais pequeno é a Roménia com 309,33 médicos por 100 mil habitantes.

-se: "Poderíamos pagar 10% da dívida estudantil de um jovem médico, até cerca de dez mil libras por ano, cada ano concluído no NHS, desde que estes fossem assumidos nos primeiros 15 anos após a qualificação." Esta proposta não foi para a frente, mas a ideia da obrigatoriedade de ficar no sistema também não.

E a realidade, sete anos depois, é que o Reino Unido mantém o mesmo problema: os médicos continuam a deixar o NHS, a protestar contra as condições de trabalho e a exigir melhores salários.

Na primavera do ano passado os médicos internos paralisaram os serviços com uma greve de vários dias em luta por aumentos salariais da ordem dos 35%, face à desvalorização dos últimos 15 anos. Mas agora com um agravante, já que uma das preocupações do Royal College é "o aumento do número de profissionais a abandonar a profissão".

Associação Europeia pede mudanças motivacionais em vez de obrigatoriedades

A EJDA publicou em julho deste ano, um novo artigo sobre o assunto intitulado, *Mandato à Motivação – Estratégias de retenção na Europa dos Jovens Médicos*. Depois de analisar vários Sistemas de Saúde, a EJDA começa por dizer que "a Europa está a enfrentar as consequências da crise provocada pela força de trabalho no Setor da Saúde".

Recorde-se que a Organização Mundial da Saúde há anos que alerta para o facto de a Europa, independentemente da fuga de cérebros, ter outra "bomba relógio" nas mãos para gerir, falando da idade da população médica, que se encontra, de forma geral, envelhecida – acima de 50% com mais de 55 anos, refere num dos seus relatórios.

No seu artigo, a EJDA alerta para o facto de a possibilidade de reter jovens médicos nos sistemas nacionais através da obrigatoriedade envolve questões legais, éticas e estratégicas. Por isso, o grande desafio dos sistemas "é saber retê-los de forma motivacional".

O estudo, que analisa o impacto entre a aplicação de uma medida como a do serviço obrigatório *versus* a criação de incentivos e condições de trabalho, como estratégias emocionais, refere que "a obrigatoriedade entra, desde logo, em conflito com as diretivas da União Europeia, relativamente ao interesse na formação e progressão nas qualificações profissionais dos médicos, bem como com os direitos de cada cidadão", por "obrigar os jovens médicos a trabalharem em locais específicos, o que prejudica a sua autonomia e limita a sua capacidade de tomar decisões sobre a sua trajetória profissional e vida pessoal". O texto sublinha que "esta prática pode levar a sentimentos de ressentimento e insatisfação, com impacto negativo no desempenho e no atendimento ao paciente".

Em relação às questões estratégicas, a EJDA dá como adquirido que a prática menos boa é a das "medidas obrigatórias": "o médico ter de ficar uns anos no Sistema de Saúde ou ser deslocado para onde não quer". "A boa-prática é a que envolve incentivos, como melhores condições de trabalho e estágios clínicos supervisionados para atrair e reter talentos médicos voluntariamente."

Neste artigo, a EJDA recomenda ainda aos países que uma boa solução é ter como "prioridade o planeamento a longo prazo de uma política de recursos humanos" e "mais investimento na formação médica", para "não comprometer a sua qualidade". Como conclusão, defende a mudança baseada em "estratégias viradas para a motivação, respeito, autonomia e progressão na carreira".

"Quando uma universidade pública forma novos profissionais não é só para os serviços públicos, é para o país. Se fosse só para os serviços públicos esta lógica teria de ser aplicada a todos os licenciados de outros cursos."

Constantino Sakellarides
Prof. catedrático jubilado da UNL

Uma solução destas poria em causa o papel das universidades públicas

Isto mesmo é o que defendem o professor catedrático jubilado Constantino Sakellarides e o diretor da FMUC, Carlos Robalo Cordeiro. E o primeiro é perentório ao afirmar que, de vez em quando, "há pessoas que encontram 'soluções mágicas'", baseadas "no chamado pensamento superficial". Ou seja, "temos um problema vamos resolver obrigando as pessoas a fazer o que não querem", quando "o pior seria termos no SNS pessoas que não querem lá estar".

Para o especialista na avaliação de Sistemas de Saúde, qualquer medida que obrigue os médicos a ficarem no SNS "será temporária", "estaríamos a adiar a saída", além de que seria "uma violência". Porquê? Porque uma solução obrigatória está ferida no que são os direitos fundamentais de qualquer cidadão, mas não só.

Em primeiro lugar, explica, uma solução destas colocaria em causa o papel das universidades públicas. "Quando uma universidade pública forma novos profissionais não é só para os serviços públicos, é para o país. Se fosse só para os serviços públicos esta lógica teria de ser aplicada a todos os licenciados de outros cursos, que na esma-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

gadora maioria vão trabalhar para o setor privado. Se assim é, por que é que este serviço público tem de ser aplicado só aos médicos?", questiona, acrescentando: "A conceção de que uma universidade pública formaria licenciados só para os serviços públicos seria difícil de entender."

E vai mais longe. "Quando se fala desta questão dá-se o exemplo da Força Aérea, onde quem tira o curso de piloto tem de ficar uns anos até passar para a aviação comercial, mas estes sabem de antemão que é assim, o que não aconteceria com a Medicina se agora fosse tomada uma decisão destas." Por outro lado, sublinha, "esta questão volta a surgir quando se está a pensar em melhorar as condições de trabalho, carreiras e remunerações para tornar o SNS mais atrativo. Ora, se queremos que as pessoas fiquem no SNS é porque gostam de lá estar e não porque são obrigadas".

O professor diz mesmo que "esta solução num país do Norte da Europa, os ditos desenvolvidos, nem se coloca. Fala-se dela nos países do Sul, onde ainda há uma relação complexa com a liberdade. No Norte esta relação é mais forte e as coisas não são feitas desta forma", argumentando que estas "soluções mágicas" fazem-nos estar a discutir o que é essencial, nomeadamente uma política de planeamento de recursos.

Portugal tem "um longo caminho a fazer", mas para se chegar a soluções é preciso que este seja "feito sem populismo e sem lutas político-partidárias que tornam a Saúde uma arma de arremesso".

Carlos Robalo Cordeiro
Diretor da FMUC

"É preciso criar condições no SNS que permita aos médicos voltarem"

Carlos Robalo Cordeiro, diretor da FMUC, com uma atividade de mais de 40 anos, especialista em Pneumologia, defende que as soluções têm de ser adaptadas às novas circunstâncias e às novas gerações. "As gerações de hoje são muito diferentes da minha, que não questionava o ter de fazer mais 24 horas de Urgências ou o ter um dia folga a seguir a uma noite de trabalho. A geração de hoje é mais exigente em relação ao que quer, e valoriza mais o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal". Portanto, "senão alterarmos as condições de trabalho e remuneratórias, se não forem criados mais incentivos na diferenciação e até na progressão da carreira, a questão da falta de médicos no SNS não se resolve".

O professor reconhece que a medida, "teoricamente, até pode fazer sentido, mas, na minha perspetiva, isso significaria adiar por mais cinco anos, ou o tempo que for, o inevitável, porque os médicos acabavam os cinco anos e iam-se embora". E reforça: "Não é com medidas obrigatórias que se consegue resolver o problema do SNS, mas com perspetivas de motivação e aliciantes, que podem ir desde a diferenciação tecnológica, aos horários e à valorização remuneratória".

Sobre se seria fácil vender a ideia de ficar uns anos no SNS a um estudante de Medicina, Robalo Cordeiro considera que não, e destaca: "Os alunos de Medicina trazem com eles o espírito de missão, mas hoje há critérios que se sobrepõem na tomada das decisões sobre a formação. Quanto mais não seja o critério de ir fazer medicina noutros países para aprender, abre-lhes horizontes. O importante é que depois deveríamos ter condições para que regressassem ao país, mas a verdade é que experimentando as condições lá fora depois é difícil um paralelo aqui."

Da experiência que tem, diz: "Não me recordo de haver um único país em que a obrigatoriedade tenha sido aplicada." Portugal tem "um longo caminho a fazer", mas para se chegar a soluções é preciso que o caminho seja "feito sem populismo e sem lutas político-partidárias que tornam a Saúde uma arma de arremesso. Isto não pode acontecer senão estamos a brincar com a vida das pessoas".

anamafaldainacio@dn.pt

Como é que bons Sistemas de Saúde retêm médicos?

ANÁLISE A Commonwealth Foundation, organização norte-americana, avaliou os Sistemas de Saúde de 11 países. E concluiu que a organização do sistema e as condições de trabalho são determinantes na retenção e satisfação dos profissionais. Dois dos melhores Sistemas de Saúde do mundo estão na Europa.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

A Noruega, os Países Baixos e a Austrália estão no *top* dos países com melhores Sistemas de Saúde do mundo, segundo a Commonwealth Foundation (CF), organização norte-americana que analisou os sistemas de 11 países. A saber: Austrália, Canadá, França, Alemanha, Países Baixos, Nova Zelândia, Noruega, Suécia, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos.

A organização avaliou os países de acordo com cinco parâmetros: acesso à saúde, atendimento, eficiência administrativa, equidade e resultados de saúde, e as conclusões foram conhecidas no verão de 2021, tendo sido o relatório anterior publicado em 2017.

A Noruega e os Países Baixos receberam elogios e a melhor classificação pela rapidez de acesso aos cuidados de saúde. Já o National Health Sistem (NHS) do Reino Unido destaca-se pela queda: em 2017 ocupava o 1.º lugar, quatro anos depois, passa para 4.º lugar. O sistema dos Estados Unidos da América obteve a pior classificação, uma posição que ocupa deste o primeiro relatório desta organização, publicado em 2004.

Mas o estudo destaca exemplos concretos de políticas de saúde postas em prática por alguns países e com resultados considerados eficazes, como a Lei dos Direitos do Paciente, na Noruega, que estabelece o direito de receber atendimento num prazo específico, ou a exigência nos Países Baixos de que os médicos de clínica geral forneçam, todos os anos, pelo menos 50 horas de atendimento após o expediente para poderem manter as licenças médicas.

Em relação ao Reino Unido, e apesar de este ter um sistema de cuidados universal e gratuito para a maioria dos utentes, a sua classificação foi prejudicada pelos longos tempos de espera para tratamentos, tendo sido registado que o fosso entre as classes mais abastadas e mais carenciadas aumentou no acesso aos cuidados de saúde (outro indicador que fez com que o país caísse na tabela da pontuação).

Melhores Sistemas de Saúde apostaram nos cuidados primários.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

A avaliação feita pela CF revela que os países com melhor pontuação no desempenho são os que oferecem cobertura universal de cuidados e que removeram as barreiras de custo para os utentes, mas o melhor desempenho aparece associado aos países que apostaram nos cuidados primários – ou seja, cuidados de proximidade na comunidade – nomeadamente com uma rede de médicos de família sustentada para dar o maior volume de resposta às necessidades da população.

Ao mesmo tempo, refere a CF, estes países apostaram também na redução da carga administrativa que envolvia o sistema e que acabava por pesar na atividade assistencial, nas equipas médicas, e nos pacientes.

Mas não só. Os países classificados com melhor desempenho fizeram outra coisa. Ao mesmo tempo que investiram ao nível da saúde, e em benefícios para os seus trabalhadores, investiram também ao nível dos serviços sociais na comunidade, com a criação de creches, disponibilização de transportes, de habitação e mais segurança, apostando assim numa "população mais saudável", e "com menos procura de cuidados de saúde".

Os autores do relatório sublinham que nenhuma nação tem o Sistema de Saúde perfeito, como, consideram, ficou demonstrado durante a pandemia. Mas acreditam que "todos os países podem aprender a partir do que funcionou e do que não funcionou noutras partes do mundo", tendo "a oportunidade de experimentar novas políticas e práticas que podem aproximá-los do que é um sistema ideal, aquele que promove a saúde para todos os habitantes por um preço que a nação pode pagar".

anamafaldainácio@dn.pt

PUBLICIDADE

Maria Luís Albuquerque na luta por um lugar de topo na nova equipa Von der Leyen

ESCOLHA Antiga ministra das Finanças é vista por Luís Montenegro como estando "entre os melhores" que podia enviar para Bruxelas. Mas enfrenta forte concorrência para garantir uma das pastas mais relevantes na próxima Comissão Europeia.

Maria Luís Albuquerque, antiga ministra das Finanças de Passos Coelho, será a sétima portuguesa na Comissão Europeia.

REINALDO RODRIGUES

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O anúncio de Maria Luís Albuquerque como a escolha portuguesa para o novo colégio de comissários europeus, que volta a ser presidido por Ursula von der Leyen, não foi surpreendente, na medida em que a antiga ministra das Finanças era há muito tida como uma das melhores opções ao dispor de Luís Montenegro. Mas avançar com alguém com o seu perfil implica uma nova batalha que será travada em Bruxelas nas próximas semanas, tentando assegurar a pasta relevante que chegou a ser considerada impossível quando António Costa foi confirmado como próximo presidente do Conselho Europeu.

Não estará em causa a capacidade de Maria Luís Albuquerque passar o crivo do Parlamento Europeu, pois mesmo a sua ligação à austeridade passada não deve implicar dificuldades de maior para quem tem apoio de um dos primeiros-ministros do Partido Popular Europeu, ao qual pertence Ursula von der Leyen, e que mantém o maior número de eurodeputados.

Fenómeno raro no Parlamento Europeu, um eventual voto negativo na confirmação de comissários deverá cingir-se neste ano à tentativa de recondução de Olivér Várhelyi, que nos últimos cinco anos tutelou o Alargamento e voltou a ser apontado por Viktor Orbán, com o primeiro-ministro húngaro, promotor do grupo de direita radical Patriotas pela Europa, a furtar-se à diretiva de submeter um homem e uma mulher à escolha da presidente da Comissão Europeia.

Luís Montenegro foi mais longe no cumprimento da intenção de paridade de género, e optou logo à partida por uma mulher, apenas a sétima (incluindo a própria Ursula von der Leyen e a ex-primeira-ministra da Estónia, Kaja Kallas, nova alta-representante para os Negócios Estrangeiros) da lista, numa altura em que só falta conhecer as escolhas da Bélgica, Bulgária e Itália.

Neste último caso é dado como certo que Giorgia Meloni pretende ter em Bruxelas Raffaele Fitto, membro dos Irmãos de Itália que é o seu ministro dos Assuntos Europeus, acumulando com a gestão do Plano de Recuperação e Resiliência. Qualquer cedência da primeira-ministra italiana nesse ponto implicará, decerto, a garantia de uma pasta ao menos tão relevante quanto a de Paolo Gentiloni, do Partido Democrata (centro-esquerda), que é comissário europeu da Economia.

Garantir uma pasta relevante, e que tenha a ver com o perfil de Maria Luís Albuquerque, é o verdadeiro desafio que se põe à comissária europeia proposta por Portugal. E enfrentará forte concorrência. Afinal, entre as muitas novidades apontadas pelos 27 Estados-membros, que optaram maioritariamente pela renovação – mantêm-se, até ver, apenas sete membros da Comissão Europeia cessante, contando com a presidente –, encontram-se os atuais ministros das Finanças da Áustria e da Irlanda, tal como o ministro do Comércio e Indústria da Chéquia, e outros recém-chegados ligados às Finanças.

> Montenegro não deu qualquer indicação sobre a pasta que tem em vista. Mas disse que a UE vai entrar num novo ciclo, no qual serão relevantes "o estímulo do mercado interno, a competitividade da economia europeia e a definição de um novo quadro plurianual financeiro".

Ontem de manhã, ao anunciar o nome de Maria Luís Albuquerque, numa declaração sem direito a perguntas, Luís Montenegro não deu qualquer indicação sobre a pasta que tem em vista, na sequência dos contactos com Ursula von der Leyen. Mas fez questão de dizer que a União Europeia vai entrar num novo ciclo, no qual serão relevantes "o estímulo do mercado interno, a competitividade da economia europeia e a definição de um novo quadro

plurianual financeiro, a que se juntam desafios enormes nas áreas da Segurança e Defesa, bem como novos horizontes no alargamento da União Europeia".

Estas prioridades correspondem a pastas relevantes para as quais a antiga ministra das Finanças, de 56 anos, apresenta currículo. E que têm em comum a saída dos incumbentes, como o austríaco Johannes Hahn (Orçamento), o italiano Paolo Gentiloni (Economia), a dinamarquesa Margrethe Vestager (Concorrência) ou a irlandesa Mairead McGuinness (Mercados de Capitais). Mesmo a recondução do francês Thierry Breton (Mercado Interno) e do letão Valdis Dombrovskis (Comércio) não impede troca de pastas.

Estando ainda por confirmar que a nova comissária seja a convidada-surpresa da *Universidade de Verão* do PSD na noite de sábado, quando António Costa irá discursar à *Academia Socialista*, é certo que Luís Montenegro não poupou elogios à atual conselheira nacional social-democrata: "É importante que cada Estado-membro disponibilize alguns dos seus melhores para trabalhar a bem de todos os europeus."

Por seu lado, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, disse que se trata da "escolha de Portugal", enquanto a atual comissária Elisa Ferreira desejou "as maiores felicidades" à sucessora, de quem espera que fortaleça o projeto europeu e defenda o interesse nacional.

Da memória da *troika* ao "currículo sólido", partidos reagem à opção de Montenegro

CONSENSO PS e Chega esperavam que o Governo os tivesse ouvido antes de avançar o nome da comissária.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O nome da representante de Portugal no colégio de decisores da Comissão Europeia competia em exclusivo ao Governo, mas PS e Chega esperavam ter sido ouvidos. Mais à esquerda, a opção de Luís Montenegro foi alvo de críticas que remetem para o período da *troika* em Portugal.

"Tem um legado no que diz respeito à gestão de uma política de austeridade que em muitos aspetos ia até para lá daquilo que a UE naquele momento defendia", lembrou o deputado socialista Pedro Delgado Alves, acrescentando, porém, a crítica que distinguiu o PS da esquerda: "Teria sido democraticamente mais saudável e desejável" que o Governo tivesse auscultado os partidos sobre esta decisão.

O Chega apontou a "arrogância" e "unilateralismo" do Governo. Apesar de destacar o "currículo sólido" de Albuquerque, André Ventura lamentou "que o Governo não tenha querido consensualizar o nome" da comissária proposta, vincando que "se é um nome mais ou menos ligado à *troika* e aos cortes, como ouvi de alguns políticos, já passou muito tempo sobre isso".

A esquerda espera ouvir Albuquerque no Parlamento sobre o que vai levar para a Europa em nome de Portugal, sendo que Livre e PAN garantiram que iriam avançar propostas nesse sentido.

Pelo BE, o deputado Fabian Figueiredo acusou a antiga ministra de ter sido uma "agente da *troika*", para além de uma das "principais autoras dessa política de destruição social".

A líder parlamentar do PCP, Paula Santos, acompanhou a ideia bloquista e acrescentou que Albuquerque foi uma representante "da má gestão dos fundos públicos que beneficiaram o sistema financeiro", lembrando o inquérito parlamentar aos contratos de gestão da dívida: os *swaps*.

Pela IL, a deputada Mariana Leitão apelou à antiga ministra que leve para a Europa políticas que protejam as liberdades individuais, e reconheceu as competências de Albuquerque.

Já o deputado do CDS Paulo Núncio saudou a escolha e lembrou que Albuquerque "foi chamada a dirigir os destinos de Portugal num momento particularmente difícil". **Com LUSA**

Antecessores na Comissão Europeia

Cardoso e Cunha

Pastas:
Assuntos Marítimos e Pescas (1986-1988)
Pessoal, Administração, Pequenos Negócios e Turismo (1988-1993)
Quem o escolheu:
Cavaco Silva
Quem era o presidente da Comissão Europeia:
Jacques Delors
Que idade tinha no início do mandato:
52 anos
O que já tinha sido:
Ministro da Agricultura em Governos da AD
O que fez depois:
Comissário-geral da Expo'98 e administrador da Parque Expo

João de Deus Pinheiro

Pastas:
Relações Parlamentares, Comunicação, Informação e Assuntos Culturais (1993-1995)
Relações com África, Caraíbas e Pacífico e Desenvolvimento (1995-1999)
Quem o escolheu:
Cavaco Silva
Quem era o presidente da Comissão Europeia:
Jacques Delors e Jacques Santer
Que idade tinha no início do mandato:
49 anos
O que já tinha sido:
Ministro da Educação e dos Negócios Estrangeiros em Governos do PSD
O que foi depois:
Vice-presidente do Parlamento Europeu

António Vitorino

Pasta:
Justiça e Assuntos Internos (1999-2004)
Quem o escolheu:
António Guterres
Quem era o presidente da Comissão Europeia:
Romano Prodi
Que idade tinha no início do mandato:
41 anos
O que já tinha sido:
Juiz do Tribunal Constitucional e ministro da Presidência e da Defesa em Governos do PS
O que foi depois:
Diretor-geral da Organização Internacional para as Migrações

Durão Barroso

Pasta:
Presidente (2004-2014)
Quem o escolheu:
Líderes europeus
Quem era o presidente da Comissão Europeia:
Ele próprio
Que idade tinha no início do mandato:
48 anos
O que já tinha sido:
Ministro dos Negócios Estrangeiros e primeiro-ministro em Governos do PSD
O que foi depois:
Chairman do Goldman-Sachs International e presidente da Aliança Global para as Vacinas

Carlos Moedas

Pasta:
Investigação, Inovação e Ciência (2014-2019)
Quem o escolheu:
Passos Coelho
Quem era o presidente da Comissão Europeia:
Jean-Claude Juncker
Que idade tinha no início do mandato:
44 anos
O que já tinha sido:
Gestor de empresas e secretário de Estado-adjunto do primeiro-ministro num Governo do PSD
O que foi depois:
Presidente da Câmara de Lisboa e conselheiro de Estado

Elisa Ferreira

Pasta:
Coesão e Reformas (2019-2024 – mandato ainda decorre)
Quem a escolheu:
António Costa
Quem era o presidente da Comissão Europeia:
Ursula von der Leyen
Que idade tinha no início do mandato:
64 anos
O que já tinha sido:
Ministra do Ambiente e do Planeamento em Governos do PS

Chega pede reunião ao PR sobre imigração

André Ventura reagiu ontem às declarações do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que defendeu, numa carta enviada aos alunos da *Universidade de Verão* do PSD, que há uma "diferença entre a realidade e os discursos e narrativas" no que diz respeito à imigração. O Chega interpretou as palavras de Marcelo como uma referência ao referendo sobre a imigração proposto pelo partido e por isso pediram uma audiência ao chefe de Estado.

"Sem ter recebido ainda a proposta de referendo submetida" ao Parlamento, "deveria ter, por esse mesmo motivo, um maior dever de reserva e de cautela", sublinhou Ventura.

Apesar de o chefe de Estado não ter referido o Chega ou o referendo, o líder do partido pediu uma audiência a Marcelo para falar sobre a pertinência do tema, que diz ser "uma questão nacional".

O presidente do Chega também vincou que, caso o referendo avance, haverá a "exigência de um reforço financeiro para o controlo de fronteiras".

André Ventura lembrou que a posição do partido face à proposta de Orçamento do Estado para 2025 dependerá da negociação do referendo para a imigração, acrescentando que esta questão "não é um joguete político, é uma questão estrutural para o futuro".

Mais tarde, num comunicado publicado na página da Presidência da República, Marcelo negou ter-se pronunciado sobre o referendo, publicando a carta enviada para o evento social-democrata.

"O Presidente da República não se pronunciou, nem podia ou devia pronunciar-se, sobre qualquer iniciativa referendária, nos termos da Constituição da República Portuguesa", afirmou.

Lisboa, Beja, Faro e Setúbal lideram falta de professores: há quase 300 horários por preencher

EDUCAÇÃO Se as aulas começassem hoje, haveria 48 mil alunos sem professor. Há 21 disciplinas já sem docentes disponíveis em várias zonas do país, entre elas Informática, Português, Línguas Estrangeiras e Matemática.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Concurso extraordinário de vinculação de professores vai ser debatido sexta-feira entre ministério e sindicatos.

CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Lisboa, Beja, Faro e Setúbal lideram os pedidos de horários em Oferta de Escola, na plataforma do Ministério da Educação (ME). Esses pedidos surgem por não ter havido, no Concurso Nacional, docentes candidatos a essas vagas.

Uma situação que não é nova, mas cuja proporção, em comparação com os anos anteriores, é maior. Contudo, a situação não está circunscrita apenas ao sul do país, afetando quase todas as regiões. Escolas de Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarém e Viana do Castelo também têm horários por atribuir.

Dos grupos de recrutamento (disciplinas) mais deficitários fazem parte os de Português, Informática, Geografia, Economia e Contabilidade. No total, são 21 as disciplinas com falta de professores, incluindo todas as línguas estrangeiras de 2.º e 3.º ciclos e Secundário (Inglês, Espanhol, Francês), Artes Visuais, Matemática, Física e Química, Filosofia, Biologia e Geologia, Educação Tecnológica, entre outras.

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), admite que a situação é mais "complicada" este ano. "Há mais horários a concurso e as coisas estão piores do que no ano passado", alerta.

O responsável antevê um início de ano letivo semelhante ao término do anterior, com "falta de professores". "Vai perdurar a nuvem cinzenta da escassez de professores. O Governo implementou 15 medidas para mitigar o problema e é de louvar que não tenha enterrado a cabeça na areia, mas é preciso perceber se vão ter efeito, porque dependem da adesão dos professores. Já afirmei anteriormente que o objetivo do ministro da Educação de reduzir em 90% o número de alunos sem aulas até dezembro é muito ambicioso. Vai haver falta de professores e só por milagre se começam as aulas com todos os alunos a ter todos os docentes", sublinha.

Para o presidente da ANDAEP, a meta traçada por Fernando Alexandre, ministro da Educação, como sendo para atingir até dezembro, "já admite que haverá falta de professores, pois a intenção é conseguir reduzir não já no arranque, mas até ao final do ano".

Nem mesmo a intenção de lançar um concurso extraordinário (cujos moldes serão debatidos amanhã entre o ME e os sindicatos) deixa Filinto Lima mais otimista. O responsável afirma ser necessário, acima de tudo, "apoios efetivos reais na deslocação e alojamento de professores para que estes estejam dispostos a lecionar a centenas de quilómetros das suas residências". "Não temos professores. O ME pode fazer os concursos extraordinários que quiser, mas sem apoio de nada serve", salienta.

Filinto Lima vai mais longe e afirma que os docentes do norte do país preferem mudar de profissão e ter de dar aulas no sul, onde as despesas são "incomportáveis face ao ordenado auferido".

O presidente da ANDAEP alerta ainda para a escassez de docentes do grupo 300 (Português), por ser "uma disciplina base, sujeita a exame no 9.º ano e exame nacional para todos os alunos de 12.º".

Acresce, ainda, conta, tratar-se de uma "disciplina essencial para os alunos estrangeiros, que precisam de apoio de Português Língua Não-Materna". "Os alunos de 9.º ano, com certeza, estão em desvantagem em relação aos colegas que têm professor de Português, tornando o cenário da escassez de docentes do grupo 300 ainda mais gravoso."

Face às dificuldades esperadas, Filinto Lima acredita que "o 1.º período letivo vai ser um teste às medidas do Governo".

Segundo Davide Martins, professor e um dos colaboradores do blogue ArLindo (um dos mais lidos no Setor da Educação), estão a concurso 444 horários em Oferta de Escola. Se não se contabilizar o Ensino Artístico para grupos de recrutamento, são 326 horários. "No ano passado tínhamos 265 horários a concurso a 31 de agosto. Este ano temos mais, sendo Informática, Geografia e Português os três grupos que se destacam", explica ao DN.

Davide Martins apresenta as contas que se traduzem em milhares de alunos afetados. "Relativamente ao número de horas, são 7172. Considerando que, em média, cada disciplina tem 3 horas por semana e 20 alunos por turma, seriam 47 800 alunos sem aulas se a escola começasse agora", explica.

O número, diz, deverá ainda aumentar, pois estes horários por preencher "são todos completos e anuais". "Ainda não foram lançados os horários incompletos e os temporários. Acredito que não veremos uma melhoria significativa relativamente ao ano passado. As medidas propostas pelo ministro já se previa que tivessem este resultado. Tenho dúvidas que doutorados e reformados queiram, neste momento, vir para o ensino nestas regiões."

Faro tem 101 horários por preencher, em Lisboa são 71, Setúbal com 63 e Beja precisa de 47 professores, sendo estas as zonas mais críticas. No total, só nestes quatro distritos a sul há quase 300 horários por preencher (282).

Sindicatos e ME reúnem-se amanhã

Os sindicatos de professores reúnem-se amanhã de manhã com

o ME no âmbito do processo negocial para a atribuição de um subsídio para professores deslocados da sua área de residência e a realização de um concurso de vinculação extraordinário (apenas para escolas referenciadas com número elevado de professores em falta).

A reunião terá como ponto de partida a proposta do ME para a atribuição de um Subsídio de Deslocação para os professores que estejam colocados em escolas a mais de 70km da sua residência habitual. O valor deste subsídio varia entre 75 e 300 euros mensais, dependendo da distância percorrida(para quem esteja a 70km do domicílio o valor será de 75 euros, e de 300 euros para os docentes a 300km das suas residências).

Para Filinto Lima, o acordo deveria prever, obrigatoriamente, um apoio transversal a todos os docentes e não apenas a quem esteja deslocado e a dar aulas em zonas consideradas críticas. "O apoio à deslocação que está, para já, previsto, vai colocar professores contra professores, pois muitos não vão ter esse apoio. No início, a proposta pareceu-me positiva, mas tem de ser estendida a todos os docentes", explica.

O presidente da ANDAEP também espera a atribuição de um apoio para alojamento e não apenas para a deslocação. "Não há qualquer apoio, para já, para a estadia dos professores. Em Lisboa o preço está pela hora da morte. E sem esses apoios, temo que até dezembro o ministro não consiga atingir o objetivo a que se propôs."

Filinto Lima alerta para um agravamento da falta de professores caso não haja "apoio efetivo e de fácil candidatura". "Era bom para a classe docente e também tinha um efeito positivo em relação aos jovens, para seguirem a carreira docente. Se esses apoios existissem, dava-se um passo muito importante no combate à escassez de professores. O apoio poderia também passar por arranjar casas condignas para os nossos professores", conclui. Algo que a Câmara Municipal de Oeiras vai implementar, disponibilizando 28 quartos a 150 euros por mês até ao início do ano letivo.

Exonerações quase diárias

Em *Diário da República*, as publicações de exonerações de professores efetivos são quase diárias. Para fazer face às desistências, Filinto Lima pede ao Governo para "ir mais longe" na melhoria das condições da carreira docente. "O acordo assinado para a recuperação do tempo de serviço foi muito positivo, mas não chega. Durante muitos anos os professores foram desprezados. O Governo começou bem, não há dúvida nenhuma, mas temos de continuar a aplicar medidas para compensar os professores. Este Governo tem de fazer, num curto espaço de tempo, o que não foi feito nos últimos anos e precisa do ministro das Finanças do lado dele. Só assim se vão evitar os pedidos de exoneração", explica.
O presidente da ANDAEP espera, por isso, "que o próximo Orçamento do Estado traduza um forte investimento na Educação, sobretudo nos recursos humanos, professores, assistentes administrativos e técnicos especializados".

Há "défice de participação" na comunidade católica, lamenta Américo Aguiar

RELIGIÃO "Estamos muito habituados a pronunciar-nos num circuito fechado, ou num teclado", diz cardeal.

O cardeal Américo Aguiar alertou ontem para o "défice" de participação no seio das comunidades católicas. Em Fátima, à margem dos trabalhos da *Semana Bíblica Nacional*, o também bispo de Setúbal lamentou que se assista a "um défice de cidadania, não só civil, mas também na pertença à Igreja".

"Estamos muito habituados a pronunciar-nos em circuito fechado, ou num teclado, que é muito mais cómodo, e depois, quando chega a hora de dar o corpo ao manifesto, pessoalmente, e arregaçar as mangas juntos e fazermos caminho, a adesão é mais lenta", disse o bispo de Setúbal, citado pela Agência Ecclesia. "É muito importante descobrir e ouvir, porque o outro, às vezes, tem a solução, tem a experiência, tem a realidade da vida e dos problemas, que nos ajudarão, que nos iluminarão a tomar as decisões mais certas", acrescentou.

"Renovação contínua"

De 2 a 27 de outubro vai decorrer no Vaticano a 2.ª sessão da XVI Assembleia-Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, com o tema *Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão*, na qual a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) estará representada pelos seus presidente e vice-presidente, os bispos José Ornelas (Leiria-Fátima) e Virgílio Antunes (Coimbra).

Segundo o relatório preparado pela CEP para esta fase do sínodo, a Igreja Católica tem de "saber auscultar as vozes dos que, de alguma forma, se sentem excluídos", como as famílias reconstruídas, pessoas separadas ou pessoas com atração pelo mesmo sexo. No documento, é sublinhada "a necessidade de uma renovação contínua da Igreja para atender às necessidades reais das pessoas e responder aos desafios contemporâneos", não obstante se mantenha "uma fidelidade à tradição eclesial".

Assim, importa "valorizar o papel das mulheres e assegurar que possam participar nos processos de decisão, assumindo papéis de liderança, especificamente nos conselhos pastorais e económicos".

Por outro lado, é apontada a importância de "construir a Igreja em torno da unidade, inclusão e diversidade, acolhendo todas as pessoas (com deficiência, jovens, idosos, em situação de pobreza, imigrantes e que se encontram nas mais variadas "fronteiras" da sociedade)".

A participação dos leigos, dos jovens, ou das pessoas com deficiência são outras direções apontadas pelo relatório, que é perentório a aconselhar que se continue a fazer "um discernimento" sobre "questões doutrinais/pastorais que ainda causam dúvida, controvérsia ou desacordo na vida da Igreja", como "a moral sexual, o celibato dos padres, o envolvimento de ex-padres casados, a possibilidade de ordenação de mulheres".

Cardeal Américo Aguiar alertou para o défice de cidadania.

CARLOS PIMENTEL / GLOBAL IMAGENS

PJ descobre laboratório de droga em Aveiro

A Polícia Judiciária (PJ) desmantelou um laboratório de droga em Santa Maria da Feira, no distrito de Aveiro, detendo três suspeitos de estarem associados à sua atividade.

De acordo com um comunicado da PJ, a investigação conseguiu obter "a localização de um armazém isolado, em Santa Maria da Feira, no qual funcionava um *laboratório*, de dimensões consideráveis, destinado à transformação de pasta de coca em cloridrato de cocaína".

Na sequência da investigação, foram detidos "três suspeitos de crimes de tráfico de estupefacientes agravado, associação criminosa, branqueamento de capitais e falsificação de documentos", sendo dois estrangeiros e um português, que serão presentes às autoridades judiciárias para interrogatório e aplicação de medidas de coação.

Em declarações à Agência Lusa, o chefe da PJ de Braga deu conta de que os detidos têm idades entre os 54 e os 59 anos, acrescentando que dois deles têm antecedentes criminais por tráfico de estupefacientes. Rogério Magalhães indicou que esses dois detidos também já cumpriram penas de prisão "em Portugal e no estrangeiro".

Segundo este responsável da PJ de Braga a investigação "é recente", acreditando que com as diligências e as detenções realizadas terá cessado a atuação deste grupo criminoso.

Os detidos vão ser presentes amanhã ao Tribunal de Guimarães para primeiro interrogatório judicial e aplicação de medidas de coação.

DN/LUSA

Descobertos seis novos mundos nómadas num berço de estrelas

ESPAÇO Uma equipa internacional com a participação do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço utilizou o telescópio James Webb para encontrar objetos com massa equiparável à de planetas, mas libertos no espaço interestelar.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

ESA/WEBB, NASA & CSA, A. SCHOLZ, K. MUZIC, A. LANGEVELD, R. JAYAWARDHANA

Potenciais novos objetos com massa planetária ficam no enxame de estrelas da nebulosa NGC 1333.

A equipa internacional de que faz parte a investigadora croata Koraljka Muzic, do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço e da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, descobriu seis potenciais novos objetos com massa planetária no enxame de estrelas da nebulosa NGC 1333 (o objeto foi descoberto pelo astrónomo alemão Eduard Schönfeld, em 1855) na constelação do Perseu, a mais de 960 anos-luz da Terra. Nenhum destes seis objetos tem menos de cinco vezes a massa de Júpiter. Sublinhe-se que em astronomia, a massa de Júpiter é uma unidade comum usada para indicar as massas de outros objetos de dimensões semelhantes.

Os enormes mundos errantes agora descobertos não orbitam estrelas e contam com uma temperatura à superfície que pode chegar aos 1700 °C. Mas pouco se sabe ainda sobre a sua composição química, que poderia talvez revelar o seu processo de formação, ao compará-la com a das anãs castanhas (a sua massa situa-se entre a dos planetas e a das estrelas) e a dos exoplanetas.

A descoberta do sexteto de objetos abre luz sobre duas perguntas: "Quantos destes objetos de massa planetária existem livres no espaço interestelar? E como se formam?". Duas questões que, de acordo com Koraljka Muzic, citada em comunicado assinado pelo Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço, "estão ligadas, porque os números destes objetos irão dizer alguma coisa sobre os seus processos de formação." Muzic adianta que "descobrimos que os objetos de massa planetária são dez por cento da população total de objetos do enxame de estrelas em NGC 1333."

Pensa-se que os corpos de massa planetária (menos de 13 vezes a massa de Júpiter) poderão ter duas origens. "Uma delas é formarem-se como as estrelas – pelo colapso gravitacional de matéria em nuvens densas e frias – mas não conseguirem reunir material suficiente para que no seu interior se atinjam as temperaturas necessárias à ignição de fusão nuclear. A outra origem será em comum com os planetas: em órbita de uma estrela, mas de onde terão sido depois catapultados pela interação com um planeta maior, ou por uma outra estrela próxima. Um e outro processo poderão gerar duas famílias de objetos de características diferentes", adianta o referido comunicado.

Os objetos que a equipa descobriu terão sido na sua maioria gerados pelo processo que produz as estrelas, e serão os de menor massa formados por essa via.

"O resultado mais importante é que não encontrámos objetos com massas mais pequenas do que cinco massas de Júpiter, apesar de tecnicamente ter sido possível encontrá-los", acrescenta Muzic. "Se os planetas mais pequenos são os mais comuns, segundo os estudos de planetas extrassolares, e também os mais fáceis de ejetar da sua órbita, então esperávamos ver mais destes objetos errantes de massa pequena." A investigadora ressalva, no entanto, que não existem ainda simulações nem trabalhos teóricos que forneçam quantidades para comparação. A equipa de investigadores avança a hipótese de que os processos gravitacionais que expulsam planetas das suas órbitas podem não ser tão eficazes neste enxame NGC 1333.

> Os enormes mundos errantes agora descobertos não orbitam estrelas e contam com uma temperatura à superfície que pode chegar aos 1700 °C. Mas pouco se sabe ainda sobre a sua composição química, que poderia talvez revelar o seu processo de formação.

Dos seis objetos descobertos, o mais leve possui um disco de material à sua volta. Muzic explica a importância deste achado: "Se tem um disco, então seguramente formou-se como uma estrela, porque um planeta que tenha sido ejetado em princípio não terá um disco. As estrelas jovens todas passam por uma fase em que têm um disco protoplanetário."

Será importante perceber se estes discos poderão originar sistemas planetários em miniatura, como as luas de Júpiter, comenta Adam Langeveld, da Universidade de Johns Hopkins e do Instituto Carl Sagan – Universidade de Cornell, nos EUA.

Os resultados científicos encontram-se disponíveis *online* na plataforma arXiv e serão publicados em breve na revista *The Astronomical Journal*.

Esta equipa já estuda o enxame de estrelas em NGC 1333 desde 2009 com outros instrumentos no infravermelho, como o telescópio Subaru, no Havai, do Observatório Astronómico Nacional do Japão (NAOJ). Mas só agora, com a sensibilidade no infravermelho do telescópio James Webb, é possível encontrar corpos com menos de cinco vezes a massa de Júpiter, se de facto existirem.

O passado não é um país estrangeiro

Alberto Costa

Passos de um cargo pós-nacional

A pretensão de substituir a rotatividade por uma presidência do Conselho Europeu a tempo inteiro, por um período prolongado, não tem uma história longa: foi avançada , já neste século, por Chirac, Blair e Aznar e era por isso referida, ao tempo, como a "Proposta ABC". Foi provavelmente a ideia que mais dividiu a convenção de que saiu o projecto de Tratado Constitucional. Apoiada pelos grandes países, e sustentada em termos que apontavam sem equívocos para a criação de um "*leadership* político personalizado" para a Europa, aparecia a grande número dos membros da convenção como um golpe na igualdade dos Estados e uma ameaça a um desenvolvimento institucional centrado na Comissão e no Parlamento Europeu, que tinha aceitação bem mais ampla.

Apostar ao mesmo tempo em duas presidências ("duplicação", "bicefalia", "sobreposição", "confusão" foram expressões muito usadas) em nada parecia ajudar à "transparência" e "legibilidade" das instituições, que tinham sido evocadas para justificar a convocação da convenção preparatória do tratado.

A larga oposição que a "Proposta ABC" encontrou deixou fortes marcas no compromisso final atingido. Ficou claro que se tratava do presidente para uma das instituições e não de "um presidente para a Europa" ou "para a União", como teses apresentadas sustentavam; o processo de eleição, renovação e eventual destituição decorreria, por inteiro, no seu interior, como um processo entre pares, contrariamente também a teses que o defendiam; a duração do mandato equivaleria, à partida, a metade do tempo previsto para outros cargos (levando um sector a falar, por isso, durante algum tempo, num "presidente semi-permanente"). O Conselho Europeu é que seria , esse sim, autonomizado como "instituição europeia", um estatuto que, até aí, não tinha. Ficava-se longe da ideia inicial de alguns dos principais defensores – mas foi essa distância que lhe garantiu a passagem.

Quando os referendos inviabilizaram o Tratado Constitucional, o "MNE da União" viu a sua denominação alterada no percurso que levaria ao *Tratado de Lisboa* – mas a solução para a presidência do Conselho Europeu passou quase intacta . Foi com a escolha e desempenho dos titulares que evoluiu o grau de definição do cargo.

O preenchimento inaugural acabou por fazer-se em finais de 2009, após peripécias abundantemente narradas, com recurso ao mundo político belga : Herman van Rampuy, com menos de um ano à frente do Governo, seria daí extraído pelos seus pares.

O ex-PM britânico Gordon Brown, então membro do Conselho, apresentaria o primeiro presidente permanente como um "construtor de consensos", alguém que "tinha trazido um período de estabilidade política para o seu país". Estava lançado um fio narrativo adequado à dimensão interna do cargo e que se articulava bem com a letra do *Tratado de Lisboa* (onde se prevê que o presidente, para além de impedido de exercer qualquer mandato nacional, não participe nas votações).

Depois de Tusk, que foi o segundo titular do cargo, o processo de escolha voltaria ao alfobre belga, terminando antes do final do ano o mandato em curso de Charles Michel.

O novo cargo fez o seu caminho e já diversos relatórios e estudos académicos se ocuparam em detalhe das diferenças identificadas entre a fase do Conselho anterior à criação do presidente permanente e o período subsequente. Esperar-se-ia talvez um maior destaque para as diferenças na gestão de crises e na projecção externa (um domínio a merecer balanço), mas um dos pontos mais geralmente realçados vem a ser um saliente papel de "*agenda setter*" – quer em geral, quer na definição, em particular, duma "agenda estratégica".

Em plena conformidade, na actual comunicação oficial do Conselho Europeu, encontra-se, a propósito do agendamento estratégico, a seguinte visão: "Charles Michel, presidente do Conselho Europeu, liderou o processo, trabalhando em estreita colaboração com os dirigentes dos países da EU, de forma colectiva e inclusiva", um processo "no âmbito do qual os dirigentes debatem e decidem em conjunto". Refira-se que no momento actual a agenda estratégica para 2024-2029 se encontra definida, tendo sido adoptada na reunião de 27 de Junho de 2024.

Pelo relevo dos cargos e contraste das sequências, a recente escolha do ex-PM António Costa para ocupar o cargo a partir de Dezembro traz à memória um Conselho Europeu que, há duas décadas, lidando com a escolha da presidência da Comissão Europeia, acabou por extrair do seu mandato nacional, que ia a meio, o então PM Durão Barroso. No caso presente, é, porém, como se interviesse um "*deus ex machina*": descendo de um alto cargo interno, um comunicado (no ponto em causa – a meu ver e no de muitos – ilegal!) tinha já antes ditado o motivo para o termo do mandato nacional.

Num continente de velha cultura, as vicissitudes da europeização podem associar ao teatro grego tanto a astúcia da razão, como as razões da astúcia.

Advogado, ex-ministro da Justiça. Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Clementina Almeida

Fundadora da clínica ForBabiesBrain by Clementina e também do 1º Spa clínico para bebés da Europa

"O meu *hobby* mais incomum? Colecionar azulejos portugueses antigos"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Dom de entender todas as línguas. Como sou psicóloga, conseguir compreender mais pessoas na sua cultura seria excelente.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Star Wars.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Sushi de ouriço.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Egito, ontem.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Garfield.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Uma em que acabei no meio do chão.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Madame Curie.

Qual é a música que sempre a faz dançar, não importa onde esteja?
I got a feeling.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Sliding Doors. Por ser tão eloquente na forma como nos mostra a imponderabilidade das pequenas escolhas.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Um prego dos caminho de ferro.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Seria um dos meus cães, pelo seu amor incondicional.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Bombom de ginja.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia do bom senso, cada pessoa deveria ter um ato de empatia para com alguém desconhecido.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Colecionar azulejos portugueses antigos.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
David Bowie.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Qual é o nome do filme? Dois milho e pum, Olga e Célia no espaço (remete para os tempos de faculdade).

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Golfinho, que me ensinasse a entender as outras frequências.

Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Saber desenhar e costurar roupa.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Azul, porque sim.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Equilibrado, porque trabalho em saúde mental.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma fonte de oxigénio eterno.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Sacos de cão perfumados.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Sushi.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
As aventuras com amigos em casas abandonadas.

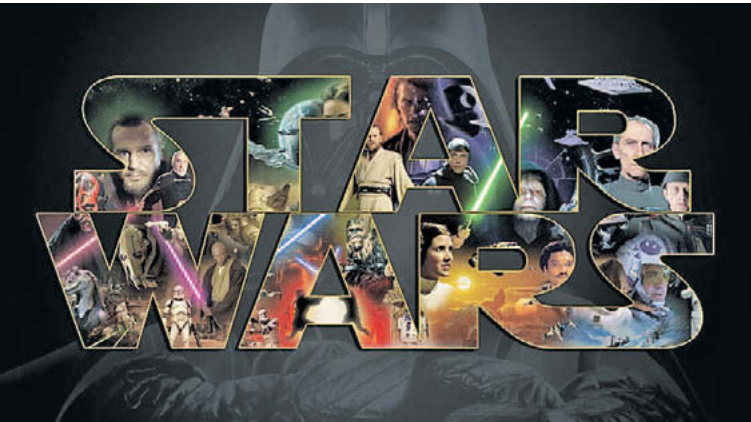
Se fosse um meme, qual seria?
It is what it is.

Qual seria o título da sua autobiografia?
The Only Way Is Up.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Lara Croft.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Com o barulho das luzes, não se vê.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Visitava todos os museus de arte.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
A limpar ostras nos seus viveiros, projeto universitário de NY de limpeza dos oceanos

Empresas de distribuição pedem que seja suspenso regulamento anti-desflorestação

AMBIENTE APED diz que a falta de respostas de Bruxelas impediu o setor de se preparar de forma "atempada e adequada" para as novas regras e alerta para riscos de "escassez e aumento do preço" dos bens alimentares.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

A Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição (APED) quer que Bruxelas suspenda a aplicação do Regulamento Europeu para Produtos Livres de Desflorestação (EUDR) que, a partir de 30 de dezembro de 2024, obriga as grandes empresas a fazerem o rastreamento das cadeias de abastecimento de modo a garantirem que a carne, o café ou o cacau que importam não estão ligados a práticas de desflorestação. O setor garante que faltam os instrumentos para cumprir as obrigações decorrentes da nova legislação e alerta para que, no limite, serão os consumidores os grandes prejudicados, com disrupções na cadeia de fornecimento a levarem à escassez e ao aumento dos preços dos bens alimentares.

Publicado em junho de 2023, o EUDR pretende assegurar que os produtos vendidos na UE não levaram à desflorestação ou à degradação florestal. Em causa estão artigos como a carne de bovino, o café, cacau, óleo de palma ou a soja, entre outros, mas também os produzidos a partir destas matérias-base, como o chocolate, que, para serem vendidos no espaço comunitário, têm de ser acompanhados de uma declaração de "diligência devida" do fornecedor, atestando que não provêm de regiões que tenham sofrido desflorestações, após dezembro de 2020.

As empresas terão ainda de verificar se estes produtos cumprem com a legislação em matéria de direitos humanos e se os direitos dos povos indígenas foram respeitados. As sanções por incumprimento serão "proporcionadas e dissuasivas", com a coima máxima a ser de, pelo menos, 4% do volume de negócios anual total na UE do operador ou comerciante em situação de infração.

VÍTOR RIOS / GLOBAL IMAGENS

Carne de bovino, café e cacau são alguns dos produtos que podem ser afetados.

"Para o setor da distribuição poder cumprir com todas as obrigações constantes do Regulamento, a partir do dia 30 de dezembro de 2024, seria absolutamente essencial que estivessem criadas e testadas com a devida antecedência a plataforma informática e a interface eletrónica para a emissão e validação das DDD (Declarações de Diligência Devida) e a partilha de dados", diz a APED, sublinhando que, "apesar dos esforços nesse sentido, a Comissão Europeia não tem respondido atempadamente aos desafios que se colocam."

Gonçalo Lobo Xavier, diretor-geral da APED, admite que não há cálculos nem estimativas sobre a aplicação desta nova legislação, mas admite que "o risco de os preços subirem é evidente." E explica: "As empresas têm de verificar a origem dos produtos e há um nível de compromissos e de reporte que obriga a uma burocracia demolidora, sobre a qual não temos esclarecimentos, nem existe plataforma informática, mas temos aqui uma simulação que mostra que um quilo de carne de bovino picada importada obriga ao preenchimento de 19 reportes diferentes. Isto é de uma complexidade e exigência tal que pode provocar perturbações muito grandes na cadeia de valor." E se é verdade que agora, no final do ano, são as grandes empresas que têm de assegurar o controlo e submeter as respetivas Declarações de Diligência Devida, a partir de junho do próximo ano. Essa obrigação estende-se às pequenas e médias empresas. Um desfasamento que, no entender da APED, "fará com que possa haver quebras de informação ao longo da cadeia de distribuição."

A associação pede que o período de transição para a implementação do regulamento seja de seis meses, pelo menos, "após os sistemas informáticos e os critérios de classificação de risco dos países estarem totalmente operacionais e harmonizados." E não está sozinha neste combate, estando em conversações com os representantes de outros setores afetados, como a indústria agroalimentar. O EuroCommerce – organização europeia que representa o comércio retalhista e grossista – tem vindo a manifestar "profunda preocupação" para com esta matéria, pedindo a clarificação de uma série de questões e tempo para as implementar.

Em junho, os EUA pediram à UE que adiasse a proibição de importação de produtos ligados à desflorestação, argumentando com os "desafios críticos" com que os produtores norte-americanos se confrontam para cumprir com a nova legislação a tempo. Já a Global Data apresentou um estudo dando conta de um custo potencial de 1,5 mil milhões de dólares (cerca de 1,3 mil milhões de euros) para a implementação das regras do EUDR, custo esse que, admite, "será muito provavelmente transferido para os consumidores europeus", sob a forma de aumentos dos preços dos alimentos, bebidas e outros produtos abrangidos.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Marcelo veta diploma sobre reingresso na CGA

O Presidente da República vetou o diploma que clarifica o direito de reingresso na Caixa Geral de Aposentações (CGA) dos funcionários públicos, apelando a que seja discutido na Assembleia da República, segundo uma nota da Presidência.

"Tendo em atenção a sensibilidade jurídica, política e social da matéria versada, a existência de jurisprudência de conteúdo contraditório ao mais alto nível da Jurisdição Administrativa", nomeadamente do Supremo Tribunal Administrativo, e dado que "o Governo assume explicitamente contar com alargado consenso nos partidos com representação parlamentar" sobre o direito ao reingresso dos funcionários públicos na CGA, o Presidente da República decidiu devolver "sem promulgação" o diploma ao Executivo.

Marcelo Rebelo de Sousa pede que o diploma "seja convertido em proposta de lei ou proposta de lei de autorização legislativa, assim permitindo conferir legitimidade política acrescida a tema que dividiu o topo da jurisdição administrativa e merece solução incontroversa", lê-se na nota.

Em causa está o decreto-lei interpretativo aprovado em 11 de julho em Conselho de Ministros que permite o regresso de trabalhadores à Caixa Geral de Aposentações (CGA) que saíram posteriormente a 1 de janeiro de 2006, excluindo, no entanto, os funcionários que saíram da Função Pública para o privado. O diploma baseia-se num acórdão do Supremo Tribunal Administrativo (STA) de março 2014, que restringe a possibilidade de voltar ao regime de proteção social da Função Pública aos trabalhadores com continuidade do vínculo público, mesmo que tenha havido mudança de instituição.

Segundo o secretário-geral da Federação dos Sindicatos da Administração Pública, José Abraão, estarão nesta situação cerca de 20 mil funcionários, sendo que cerca de metade já tinham visto a sua situação resolvida, antes de o processo ter sido suspenso. **DN/DV/LUSA**

BREVES

Crédito ao consumo cresce 6,6% em julho

O crédito ao consumo cresceu, em julho, 141 milhões de euros face ao mês anterior, para um total de 21,8 mil milhões, subindo 6,6% em comparação com o mesmo mês de 2023, revelou ontem o Banco de Portugal. Trata-se do "maior crescimento, em termos anuais, desde março de 2020. Desde o início do ano, estes empréstimos têm apresentado uma trajetória de aceleração, contrariamente ao observado para o conjunto da área do euro a partir de maio de 2024", lê-se na nota de informação estatística. Já os depósitos mantiveram em julho a trajetória positiva, crescendo 7,2% em termos anuais. "Teríamos de recuar a maio de 2021 para observar uma taxa de variação anual superior", diz o banco central.

Despedidos recebem IRS retido em 2025

A maioria dos contribuintes vai beneficiar do mecanismo de compensação contemplado nas novas tabelas de retenção do IRS, mas quem tenha ficado desempregado ou esteja de licença de maternidade este ano terá de esperar pelo reembolso em 2025. Estes casos foram referidos à Lusa por Luís Leon, da consultora Ilya, com o fiscalista a notar que quem tenha registo de remunerações nos primeiros meses de 2024, mas que por algum motivo não esteja atualmente a trabalhar e a receber um salário, não poderá ser abrangido pelas taxas de retenção reduzidas que vão ser aplicadas nos meses de setembro e outubro.

Opinião
Luís Tavares Bravo

Os diversos equilíbrios do Orçamento do Estado

A negociação do Orçamento do Estado para o próximo ano já centraliza as atenções dos portugueses e encerra em si uma série de desafios que vão além das tradicionais dinâmicas económicas e financeiras que estão na base das prioridades escolhidas, ou sobre o impacto que estas têm no endividamento público, ou na maior ou menor perceção de sustentabilidade do sistema social português.

Desta vez existe, para além destes, o que pode ser considerado um teste à maturidade da democracia lusa, dentro de um enquadramento político novo e que assenta num Parlamento onde os entendimentos deixam de ser estar vinculados apenas à visão tradicional do que é o pensamento de esquerda e direita, mas também ao que é o pensamento estrutural do centro político europeu, em contraste com o peso do euroceticismo e dos partidos antissistema – e que se tornou mais visível após o partido Chega ter exigido referendar a imigração, sem clarificar em detalhe a questão a colocar, como condição para aprovar o Orçamento.

Certo é que o país não pode parar com algumas reformas que são vitais para se transformar, e para as quais conta com enormes apoios europeus. E o Governo terá de procurar os apoios necessários para que possa executar a agenda transformadora junto dos partidos que mais vocação europeísta têm – o que inevitavelmente incluirá envolver o Partido Socialista, para além do CDS e da Iniciativa Liberal. O que no final do dia exige maior maturidade por parte do maior partido da oposição, sob pena de o país entrar num ciclo de permanente instabilidade política. Tudo isto implica uma complexidade mais elevada no que diz respeito à aceitação de propostas da oposição.

Certamente o Executivo tentará evitar a incorporação de medidas demasiado onerosas, que não sejam provenientes do seu programa, e é certo que os partidos que não integram o Executivo – sobretudo o PS – tentarão o inverso, colocando a fasquia muito elevada de forma a aprovarem o mesmo. Uma coisa parece certa: a solução para evitar uma crise política com eleições assentará num acordo ao centro, e entre os dois grandes partidos que o compõem. A acontecer será uma proposta final de Orçamento que será muito provavelmente de expansão orçamental – com mais despesa, e pouca redução de impostos –, de forma a poder cabimentar as visões e propostas das diversas tendências partidárias – o Partido Socialista, por exemplo, publicamente já assumiu divergências com uma redução do IRC.

> **"Certamente o Executivo tentará evitar a incorporação de medidas demasiado onerosas, que não sejam provenientes do seu programa, e é certo que os partidos que não integram o Executivo – sobretudo o PS – tentarão o inverso."**

Um Orçamento de continuidade, mas de maturidade política. Porque deverá permitir que sejam perseguidas essenciais metas de transformação económica do país. Afinal, o défice é atualmente, apesar de relevante, um problema menos urgente para Portugal.

A necessidade de aceleração da execução dos estímulos europeus (PRR) é absolutamente essencial no próximo ano. Da mesma forma é a necessidade de melhorar o acesso aos serviços públicos da Saúde, Segurança e Educação através da execução de medidas já anunciadas nos primeiros meses de Governo e que carecem de continuidade. E é preciso melhorar o acesso à habitação, e criar melhores condições de coesão social – que se agravaram nos últimos anos com a inflação e respetiva subida dos juros.

É certo que as taxas de juro deverão baixar no próximo ano, e isso deverá contribuir positivamente. Mas em Portugal há ainda muito por fazer – e criar soluções de equilíbrio e de estabilidade política será essencial para começar.

Economista, presidente do Internacional Affairs Network

Um rapaz palestiniano levanta os braços perante um veículo militar israelita durante o raide em Jenin.

RONALDO SCHEMIDT / AFP

Israel avança com grande operação na Cisjordânia e quer retirar palestinianos

GUERRA Benjamin Netanyahu mostrou desagrado com as novas sanções dos EUA contra colonos israelitas. Mais de 650 palestinianos já morreram no território ocupado desde o 7 de Outubro.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Israel lançou ontem uma operação em grande escala na Cisjordânia, onde o Exército disse ter matado combatentes palestinianos – contas dos militares apontam para nove militantes, enquanto o Crescente Vermelho palestiniano relatou 10 mortes na região, onde a violência tem vindo a aumentar.

Às primeiras horas de ontem, Israel lançou ataques coordenados em quatro cidades do norte da Cisjordânia – Jenin, Nablus, Tubas e Tulkarem –, onde os militares concentraram grande parte das suas operações recentes contra grupos armados. Colunas de veículos blindados entraram em dois campos de refugiados, em Tulkarem e Tubas, bem como em Jenin.

Ao meio-dia, estavam a bloquear as entradas das cidades e dos campos de refugiados, segundo relatos de fotógrafos da AFP, com soldados a disparar contra os acampamentos, ouvindo-se tiros e explosões. Além dos dez mortos, o Crescente Vermelho avançou que 22 pessoas ficaram feridas nestes ataques. O líder desta organização médica na Cisjordânia, Younes al-Khatib, referiu ainda que ambulâncias foram atacadas por forças israelitas e "um dos nossos funcionários foi atingido."

Na sequência dos ataques de ontem, o presidente palestiniano, Mahmud Abbas, encurtou uma visita à Arábia Saudita e voltou para casa para "acompanhar os últimos desenvolvimentos à luz da agressão israelita", segundo informaram os *media* oficiais palestinianos.

> Os militares israelitas admitiram ontem que "falharam" na sua resposta a um ataque de colonos na Cisjordânia ocupada no início deste mês.

Embora as operações militares israelitas se tenham tornado uma ocorrência diária na Cisjordânia, ocupada por Israel desde 1967, é raro que ocorram em várias cidades simultaneamente. Nas últimas semanas, estas operações concentraram-se principalmente no norte do território, onde os grupos armados que combatem Israel são mais ativos.

"O exército opera com todas as suas forças desde a noite nos acampamentos de refugiados de Jenin e Tulkarem para desmantelar a infraestrutura terrorista islamista iraniana lá localizada", afirmou ontem o líder da diplomacia israelita. Na sequência da operação militar de ontem, Israel Katz propôs a retirada temporária de população da Cisjordânia para "destruir infraestruturas terroristas."

"Devemos enfrentar a ameaça da mesma forma que abordamos a infraestrutura terrorista em Gaza, incluindo a retirada temporária dos residentes palestinianos e quaisquer outras medidas necessárias. Essa é uma guerra para todos e devemos vencê-la", prosseguiu o ministro israelita na rede social X.

Mais de 650 palestinianos morreram na Cisjordânia por ações do exército israelita ou de colonos desde 7 de outubro, segundo uma contagem da AFP baseada em dados oficiais palestinianos. Por outro lado, pelo menos 20 israelitas morreram naquele território, entre eles soldados atacados por palestinianos ou participantes em incursões militares, de acordo com dados oficiais de Telavive.

Ontem, o exército israelita admitiu ter "falhado" na resposta a um ataque de colonos na Cisjordânia ocupada no início do mês, que autoridades palestinianas disseram ter matado um homem. O major-general Avi Bluth, chefe do Comando Central militar que opera na Cisjordânia, foi citado num comunicado dizendo que o ataque foi "um incidente terrorista muito sério no qual israelitas decidiram prejudicar deliberadamente os residentes da cidade de Jit, e falhámos ao não conseguir chegar mais cedo para protegê-los."

Por outro lado, e ontem também, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu disse ver "com a maior severidade" as novas sanções impostas por Washington aos colonos israelitas na Cisjordânia, devido à violência contra palestinianos, acrescentando que "a questão está em discussão acirrada com os EUA."

Guerra aberta do ocupante

A Jihad Islâmica, um movimento islamista palestiniano aliado ao Hamas, denunciou uma "guerra aberta por parte do ocupante israelita."

"Com esta agressão, que visa transferir o peso do conflito para a Cisjordânia ocupada, o ocupante quer impor no terreno um novo Estado para anexar a Cisjordânia", afirmou. Já o Hamas, cuja popularidade disparou na Cisjordânia desde o início da guerra de Gaza, enquanto a do partido Fatah de Abbas tem vindo a cair, apelou novamente na noite de terça-feira aos três milhões de palestinianos no território que "se levantem" contra Israel.

A ONU alertou ontem que a mais recente operação militar de Israel na Cisjordânia "arrisca-se a agravar seriamente uma situação já catastrófica."

"Israel, como potência ocupante, deve cumprir com as suas obrigações de acordo com o direito internacional", afirmou a porta-voz do Gabinete dos Direitos Humanos das Nações Unidas, Ravina Shamdasani.

ana.meireles@dn.pt

TOBIAS SCHWARZ / AFP

Keir Starmer foi recebido ontem em Berlim por Olaf Scholz.

Londres quer fazer *reset* na sua relação com a UE

EUROPA Starmer referiu que novo tratado com Berlim faz parte do esforço de aproximação ao bloco, mas lembrou que há linhas vermelhas.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, prometeu na sua visita de ontem a Berlim que o planeado novo tratado com a Alemanha faz parte do esforço de Londres para reparar os laços com a UE, danificados pelo *Brexit*. Este movimento em direção a uma redefinição, saudado pelo chanceler alemão Olaf Scholz, também inclui a ida de Starmer a Paris para um encontro hoje com o presidente Emmanuel Macron.

Starmer explicou que o acordo proposto, que deverá incluir a área da Defesa e laços mais profundos em ciência, tecnologia e comércio, deverá ser fechado até ao final do ano. Esta é uma "oportunidade única, numa geração", de ajudar a uma "reinicialização mais ampla" nos laços entre o Reino Unido e a União Europeia, reforçou o líder britânico em Berlim, a sua primeira visita bilateral desde que tomou posse. Já Scholz saudou o desejo de um *reset*, garantindo que "queremos aceitar esta mão estendida."

Keir Starmer recusou ainda que as divergências sobre a proposta europeia, e defendida por Scholz, para um programa de mobilidade jovem afetem as discussões do tratado entre Londres e Berlim, reafirmando o seu compromisso de "clarificar linhas vermelhas" com a União Europeia, nesta fase posterior à saída do bloco. "O tratado é um tratado bilateral, portanto não tem nada a ver com mobilidade juvenil ou algo parecido. Tem a ver com Comércio, Defesa, Economia, migração ilegal, etc. Em relação à mobilidade dos jovens, obviamente, temos sido muito claros: não há Mercado Único, não há União Aduaneira, não há liberdade de circulação, não há regresso à UE", explicou Starmer, acrescentando que "a discussão sobre uma relação estreita com a UE ocorre nesse contexto e dentro desses quadros, estou convencido, e penso que ouviram o próprio chanceler, que podemos ter uma relação mais estreita, apesar das linhas vermelhas claras que temos e sempre tivemos."

> O primeiro-ministro britânico voltou a descartar a possibilidade de um regresso à União Europeia, à União Aduaneira ou ao Mercado Único.

Starmer e Scholz discutiram também a guerra na Ucrânia, tendo o chanceler alemão insistido para que os dois países "se mantenham firmes ao lado" de Kiev, apesar das "recentes tentativas de semear dúvidas sobre este compromisso."

"A nossa determinação é, como sempre, estar lado a lado com a Ucrânia para fornecer o apoio de que necessita durante o tempo que for necessário", acrescentou o primeiro-ministro britânico.

Londres permite que Kiev utilize um esquadrão de 14 tanques Challenger 2 de fabrico britânico conforme achar adequado, mas impôs limites ao uso de seus mísseis de cruzeiro Storm Shadow de longo alcance. Já a Alemanha tem recusado repetidamente enviar para Kiev os seus mísseis Taurus de longo alcance, por receio de uma escalada do conflito.

ana.meireles@dn.pt

Kremlin critica Kiev por causa de gás russo

A decisão de Kiev de deixar caducar o seu contrato com a Gazprom para fornecer gás russo à Europa prejudicará gravemente os consumidores europeus, disse ontem o Kremlin.Declarações que surgem depois de o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, ter anunciado na terça-feira que o seu país não estenderia o acordo de trânsito através da Ucrânia para além de 31 de dezembro. "Acabou", disse ele.

Apesar da guerra, a Rússia entregou mais de 14 mil milhões de metros cúbicos de gás à Europa através da Ucrânia em 2023, embora este valor tenha sido inferior aos 40 mil milhões de metros cúbicos previstos no contrato.

Áustria, Hungria e Eslováquia ainda recebem gás russo desta forma e continuam dependentes desta fonte, apesar da promessa da União Europeia de se libertar do gás russo até 2027, após a invasão da Ucrânia levada a cabo por Moscovo. "Eles [europeus] simplesmente terão de pagar muito mais, o que tornará a sua indústria menos competitiva", declarou o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov.

As empresas ucranianas assinaram o contrato de cinco anos com a Gazprom no final de 2019. Mas, em julho, Zelensky indicou que Kiev estava em negociações com o Azerbaijão, um grande produtor de gás natural, para substituir o gás russo que transita pela Ucrânia.

No entanto, a Ucrânia não partilha fronteira com o Azerbaijão, o que implicaria que o gás azeri ainda teria de ser transportado por gasoduto, através da Rússia. **DN/AFP**

BREVES

Macron pressionado a tomar decisão

Os líderes d'Os Republicanos classificaram como "dececionante" a reunião que tiveram ontem com o presidente francês, Emmanuel Macron, apelando a que nomeie um primeiro-ministro, sem "procrastinar", para acabar com a crise política. "Dissemos ao presidente para assumir finalmente as suas responsabilidades e nomear um primeiro-ministro", disse Laurent Wauquiez, líder da direita conservadora na Assembleia Nacional, referindo que viu Macron sem "nenhuma visão" para o futuro. Já o líder do partido no Senado, Bruno Retailleau, sublinhou "a gravidade da situação", "sem precedentes desde o final da Segunda Guerra Mundial", com um Governo demissionário há quase dois meses.

Unidade policial no Pacífico para travar a China

Vários líderes de países do Pacífico anunciaram ontem um acordo sobre um plano para criar uma força de polícia regional que consiga limitar a crescente influência da China na segurança da área, anunciou o primeiro-ministro australiano.
A iniciativa, que provoca receios entre alguns países próximos a Pequim, envolveria a criação de quatro centros de treino regionais e o estabelecimento de uma força multinacional de quase 200 agentes, que seria enviada para reprimir crises ou ajudar em zonas de desastre. "Isto mostra que os líderes do Pacífico trabalham juntos para moldar o futuro que queremos", disse o líder australiano, Anthony Albanese.

Opinião
João Almeida Moreira

O Bolsonaro 2.0

Notado apenas por ameaçar explodir bombas em quartéis caso o soldo não fosse aumentado, Jair Bolsonaro foi um "mau militar", disse o general Ernesto Geisel, presidente da República da ditadura. E, com dois projetos aprovados em 27 anos de férias pagas no Congresso, um mau deputado, mostra-nos a matemática.

Por estimular desmatadores, cultivar o atraso, asfixiar qualquer sinal de vida inteligente no país e ainda conduzir a pandemia com a habilidade de um genocida, foi um mau presidente, reza a História. E, ao conspirar um golpe de Estado e meter ao bolso um punhado de joias de recordação do Planalto, é também um mau ex-presidente, acusa a polícia.

Mesmo assim, Bolsonaro tem, segundo as sondagens, altos índices de popularidade. "Por que não é então?", ter-se-á perguntado Pablo Marçal.

Primeiro, as apresentações: Pablo Marçal, 37 anos, *coach* de "profissão", é um dos candidatos a prefeito de São Paulo nas Eleições Municipais de outubro.

Aos 18, integrou uma quadrilha que desviava dinheiro de bancos *online*, mas, como delatou os comparsas, esteve preso apenas por uns dias. Aos 35, já *coach*, arrastou 32 incautos para uma serra, sob chuva, "para vencerem o medo", experiência que só terminou quando os bombeiros, nove horas depois, resgataram os desaparecidos, vencidos pelo medo.

Palestrante, jurou que um dia o motor do helicóptero onde seguia falhou e que foi ele quem avisou e acalmou o piloto. Noutra ocasião, contou que um engenheiro chinês queria copiar-lhe o cérebro e colocar o conteúdo num robô para que a Humanidade não desperdiçasse a sua inteligência.

Virou *meme*, claro: "Quando o Graham Bell inventou o telefone já tinha uma chamada perdida do Pablo Marçal", "Quando Pablo Marçal nasceu, quem chorou foi o médico", lê-se em duas das milhares de piadas em homenagem ao ex-ladrão, *coach* e palestrante.

Com este currículo nas mãos e a ascensão eleitoral de Bolsonaro na mente, bateu então à porta do PRTB, partido com ligações, segundo investigação da Polícia Civil, ao Primeiro Comando da Capital, a maior organização criminosa da América do Sul, a solicitar candidatura a São Paulo. Foi convidado imediatamente a ir a votos.

Tem resultado: com duas semanas de campanha, já está empatado nas sondagens com Ricardo Nunes, candidato bolsonarista, e Guilherme Boulos, candidato lulista. E, depois de nos primeiros debates ter caluniado toda a gente e recortado os vídeos mais escabrosos dessas calúnias para viralizarem na internet, conseguiu o que pretendia: Nunes e Boulos, e mesmo Datena, um candidato que apresenta noticiários com crimes hediondos, alegaram falta de estômago para participar no debate seguinte.

Como, na sequência dos ataques mentirosos, as contas de Marçal nas redes foram suspensas, o candidato lamentou-se como se tivesse, digamos, levado uma facada na barriga – e a tendência após as facadas é crescer nas sondagens.

E Bolsonaro? Vendo o segmento imbecil do eleitorado trocar de aldrabão, diz que Marçal "não tem caráter". O filho Eduardo, a perceber o gado a fugir para as mãos do *coach*, pergunta: "Onde você estava em 2022?". Já o filho Carlos, outrora maior *bully* da internet brasileira, depois de ter sido chamado "retardado" por Marçal disse apoiar a candidata do IL em versão brasileira à prefeitura.

O bolsonarismo não estava preparado para alguém ainda pior. Veremos se São Paulo e o Brasil estão.

O sorteio da *Champions* realiza-se hoje no no Fórum Grimaldi, no Mónaco.

Sporting e Benfica conhecem sorte na nova *Champions* com 36 clubes

LIGA DOS CAMPEÕES Novo figurino da prova tem uma liga única em vez da fase de grupos, e cada equipa inicialmente oito jogos. A partir dos oitavos é tudo igual e os prémios são maiores.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Sporting e Benfica vão conhecer esta tarde, a partir das 17.00 horas, os adversários que vão defrontar na Liga dos Campeões, competição que esta época terá um formato completamente diferente. Logo à partida com o fim da fase de grupos, que dará lugar a uma liga de 36 clubes (antes eram 32) com classificação única, onde cada equipa fará oito jogos.

As diferenças vão até notar-se ao nível do sorteio, que se realiza no Mónaco, pois as bolas serão retiradas dos potes uma única vez, e depois será um computador a definir os adversários através de um algoritmo; caso contrário, neste novo modelo, a cerimónia poderia estender-se durante quatro horas.

Mas vamos aos novos moldes da prova, que na prática só mudam nesta primeira fase, pois a partir dos oitavos de final mantém-se o figurino antigo em sistema de mata-mata.

Cada uma das 36 equipas fará oito jogos (quatro casa e quatro fora) nesta primeira fase, contra dois adversários de cada pote (ver tabela ao lado). Ficam apurados diretamente para os oitavos de final os oito primeiros. Já os clubes que ficarem entre o 9.º e o 24.º lugar irão disputar um *play-off* a duas mãos para se conhecer os oito restantes emblemas que seguem para os oitavos. Já as equipas que terminarem entre a 25.ª e a 36.ª posição são logo eliminadas das provas europeias – deixam de existir descidas para a Liga Europa e Liga Conferência.

"Estamos convencidos de que o formato escolhido atinge o equilíbrio certo e que melhorará o equilíbrio competitivo e gerará receitas sólidas que podem ser distribuídas pelos clubes, ligas e pelo futebol de base em todo o nosso continente, aumentando o apelo e a popularidade das nossas competições de clubes. A classificação permanecerá puramente baseada no desempenho desportivo e o sonho de participar permanecerá para todos os clubes", explicou o presidente da UEFA, Aleksander Ceferin.

Relativamente aos prémios a pagar pela UEFA, além do montante por presença (18,6 milhões) e outro relacionado com o *value pillar*, que combina o antigo *market pool* (valor de mercado) com o coeficiente dos clubes na UEFA, está prevista que cada vitória seja compensada com 2,1 milhões de euros e o empate com 700 mil euros.

Os clubes que acabarem a fase de liga entre o primeiro e o oitavo lugares recebem ainda dois milhões de euros extra, e os que terminarem entre o 9.º e o 16.º lugares um milhão.

Mas há mais. A qualificação para os oitavos-de-final da prova milionária será recompensada com 11 milhões de euros, os quartos-de-final valem 12,5 milhões, a meia-final 15 milhões, a final 18,5 milhões e o vencedor terá ainda direito a mais 6,5 milhões adicionais. Contas feitas, na melhor das hipóteses, a equipa que levantar a taça pode embolsar um total de 96,2 milhões só em prémios.

No total, até à final, serão 189 jogos, quando anteriormente eram 125. Como há mais desafios na primeira fase, ao contrário da fórmula anterior, que terminava em dezembro, o mês de janeiro também será de *Champions*.

nuno.fernandes@dn.pt

Braga e Guimarães lutam pela Europa

Sp. Braga e V. Guimarães jogam hoje o futuro nas provas europeias. Os arsenalistas na Liga Europa contra o Rapid Viena (na primeira mão venceram em casa por 2-1) e os vitorianos na Liga Conferência diante do Zrinjski Mostar (ganharam por 3-0 em Guimarães). Caso ambas passem o *play-off* estarão presentes na fase de liga de ambas as competições, cujos sorteios se realizam amanhã – tal como na *Champions* em novos moldes. "Sabemos que temos uma vantagem, mas não vamos utilizá-la como fator motivacional", disse ontem Carlos Carvalhal, técnico do Sp. Braga.

POTE 1
Real Madrid
Manchester City
Bayern Munique
Paris Saint-Germain
Liverpool
Inter Milão
Borussia Dortmund
RB Leipzig
Barcelona

POTE 2
Bayer Leverkusen
Atlético Madrid
Atalanta
Juventus
BENFICA
Arsenal
Club Brugge
Shakhtar Donetsk
AC Milan

POTE 3
Feyenoord
SPORTING
PSV Eindhoven
RB Salzburgo
Young Boys
Celtic
Dínamo Zagreb
Lille
Estrela Vermelha

POTE 4
Mónaco
Sparta Praga
Aston Villa
Bolonha
Girona
Estugarda
Sturm Graz
Brest
Slovan Bratislava

Benfica volta a pescar em Inglaterra: Kaboré luta com Bah por lugar no 11

ACORDO O internacional pelo Burquina Faso de 23 anos chega à Luz por empréstimo do Manchester City até final da temporada. Depois de Zeki Amdouni (já está em Lisboa), este é o segundo reforço garantido pelos encarnados que na época passada jogou na *Premier League*.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Issa Kaboré, de 23 anos, deve chegar hoje a Lisboa para fazer exames médicos e reforçar o lado direito da defesa do Benfica, por empréstimo do Manchester City até final da temporada. Nas últimas horas de mercado, os encarnados viraram-se para Inglaterra, onde foram buscar o avançado suíço Zeki Amdouni, ao Burnley (também cedido por um ano), e aquele que será o concorrente para Alexander Bah na equipa treinada por Roger Schmidt.

Kaboré será o primeiro jogador nascido no Burquina Faso a representar o Benfica e foi a opção encontrada para fazer face à recusa dos belgas do Genk em vender o internacional marroquino Zakaria El Ouahdi. Sem nunca ter encontrado espaço para se afirmar no Manchester City, o novo reforço dos encarnados é um jogador rápido, forte fisicamente e muito ofensivo, que os *citizens* descobriram com 19 anos no Malines, da Bélgica, na época 2019/20, tendo investido 4,5 milhões de euros, apesar de nessa época ter feito apenas cinco jogos na equipa principal.

Para ganhar mais experiência, permaneceu mais uma temporada no clube belga, tendo então sido opção regular (29 partidas). Sem conseguir convencer Pep Guardiola, que contava com João Cancelo e Kyle Walker, no início da época 2021/22 foi emprestado aos franceses do Troyes, onde fez 32 jogos, tendo pelo meio representado o Burquina Faso na Taça das Nações Africanas 2021 (CAN), onde foi considerado o Melhor Jogador Jovem do torneio, em que a sua seleção terminou em 4.º.

O lateral-direito começava a afirmar-se, mas na temporada seguinte voltou a ser emprestado, agora ao Marselha, onde fez 28 jogos e marcou um golo. Contudo, mantinha-se distante da entrada no plantel principal do City, o que lhe valeu na última época uma cedência ao Luton Town, então de regresso à *Premier League*, tendo completado 26 jogos oficiais, embora pelo meio tenha voltado a representar o Burquina Faso na CAN 2023, competição onde foi totalista de uma seleção eliminada nos oitavos-de-final pelo Mali.

A entrar no último ano de contrato com os tetracampeões ingleses, Issa Kaboré enfrenta agora um novo desafio, o de representar um clube que luta por títulos como o Benfica e de voltar a jogar na Liga dos Campeões, competição em que se estreou pelo Marselha em 2022, pelo qual fez quatro jogos, dois dos quais frente ao Sporting, curiosamente os únicos que venceu nessa fase de grupos.

JUSTIN TALLIS / AFP

Issa Kaboré jogou na *Premier League* na última época ao serviço do Luton Town.

> O avançado Zeki Amdouni deve ser apresentado hoje como jogador do Benfica, no mesmo dia em que chega o lateral Issa Kaboré.

Após um ano em que Alexander Bah não teve concorrência no lugar de defesa-direito, eis que agora terá de lutar pela titularidade com um jogador que se encontra numa fase de afirmação, sendo que esta época deverá ser fundamental para Issa Kaboré, uma vez que , tendo em conta que estará em final de contrato com o Manchester City, se tiver sucesso na Luz terá tudo para assinar um novo contrato, já em janeiro, com o Benfica… ou com outro clube.

Amdouni já está em Lisboa

O suíço Zeki Amdouni chegou ontem a Lisboa para fazer exames médicos e assinar contrato com o Benfica por uma época, por empréstimo dos ingleses do Burnley. O avançado de 23 anos, cujas características apontam para que venha a ser utilizado atrás do grego Vangelis Pavlidis, deve ser apresentado durante o dia de hoje. No acordo entre os dois clubes, os encarnados ficam com uma opção de compra de 15 milhões de euros.

Nesta reta final do mercado de verão, a SAD do Benfica procura ainda garantir um guarda-redes experiente para concorrer com Anatolyi Trubin. Entre os nomes em cima da mesa estão os portugueses Ricardo Velho (Farense) e Rui Silva (Betis).

Refira-se que nas cinco principais ligas europeias o mercado encerra amanhã, mas em Portugal fecha apenas na segunda-feira.

carlos.nogueira@dn.pt

MAIS MERCADO

Nehuén Pérez mais perto de rumar ao FC Porto

O defesa-central Nehuén Pérez, de 24 anos, está mais perto de se tornar reforço do FC Porto, depois de ontem terem avançado as negociações dos dragões com os responsáveis dos italianos da Udinese, ao ponto de o jogador não ter treinado. O internacional argentino (4 jogos), que em 2019/20 representou o Famalicão por empréstimo do Atlético de Madrid, poderá assim regressar a Portugal por uma verba a rondar os 15 milhões de euros. Este é, como já foi dito pelo presidente André Villas-Boas, a prioridade dos dragões para reforçar o eixo defensivo, embora ontem tenham surgido os nomes de Nayef Aguerd (West Ham) e Jair (Santos). Por outro lado, o FC Porto está a negociar o empréstimo do médio André Franco ao Espanyol, que ficará com opção de compra de 6 milhões no final da época.

Federico Chiesa é o primeiro reforço do Liverpool

O avançado Federico Chiesa é o primeiro reforço do Liverpool para esta época, depois de ontem os *reds* terem alcançado um acordo com a Juventus para uma transferência na ordem dos 12 milhões de euros, acrescido de três milhões de bónus, dependentes de objetivos. O internacional italiano, de 26 anos tinha apenas mais um ano de contrato com o clube de Turim, que assim evitou uma saída a custo zero. Chiesa assina um contrato por quatro épocas com o Liverpool, tendo já dito que está "muito feliz e preparado para esta nova aventura". Curiosamente, o italiano poderá render em Anfield o uruguaio Darwin Núñez, que está a ser pretendido pelo Arsenal, sendo que os *reds* querem qualquer coisa como 100 milhões de euros pelo ex-benfiquista.

LEONARDO NEGRÃO

LEONARDO NEGRÃO

O *design* de cada palco é feito por diferentes artistas. O Palco Lisboa é uma das novidades da terceira edição.

Kalorama: três dias dedicados à música e às artes visuais

FESTIVAL A terceira edição do evento está de regresso ao Parque da Bela Vista até sábado com concertos de Sam Smith, LCD Soundsystem, Burna Boy, entre outros.

TEXTO **MARIANA DE MELO GONÇALVES**

O Meo Kalorama regressa hoje ao Parque da Bela Vista, em Lisboa, para três dias dedicados à música e à arte. Com programação até domingo, o cartaz conta com nomes como Sam Smith, LCD Soundsystem, Burna Boy, Jungle e Massive Attack, entre outros. A terceira edição do festival tem agendadas 53 atuações musicais distribuídas por quatro palcos. Hoje, dá-se o regresso dos Massive Attack a Portugal no palco principal do Kalorama. Os ingleses de Bristol estiveram cinco anos afastados dos palcos e iniciaram em junho em Gotemburgo, na Suécia, uma série de novos concertos. Neste primeiro dia, outro regresso: Sam Smith também no palco Meo, depois da sua passagem pelo festival NosAlive no ano passado.

Amanhã, atuam no palco principal Jungle, que regressam depois de dois concertos esgotados no Campo Pequeno, no ano passado. E também os nova-iorquinos LCD Soundsystem, liderados por James Murphy, voltam a pisar os palcos portugueses.

O último dia de festival conta com a estreia da britânica Raye e o regresso de Burna Boy a Portugal, onde atuou em 2022. Uma das novidades do festival deste ano é o Palco Lisboa, por lá vão atuar Loyle Carner, English Teacher, Glockenwise, Yves Tumor, Jalen Ngonda, Nation of Language. "Queremos trazer a cidade para dentro do festival. Isto permite-nos também, de alguma forma, consolidar a marca Lisboa", explica Andreia Criner – diretora de comunicação da Last Tour, promotora do festival –, referindo-se ao nome do novo palco.

Durante estes três dias, para além do festival em Lisboa, o Kalorama vai pela primeira vez acontecer em Madrid, Espanha, nas mesmas datas. O Parque da Bela Vista vai ter ligação com o Centro de Exposições IFEMA Madrid, lugar onde se vai realizar o evento em Espanha. Isso será feito por câmaras e um ecrã, através dos quais o público de ambos os eventos poderá interagir.

Ir ao festival de transportes públicos

Nesta edição os "festivaleiros" vão ter um desconto de 10 euros no bilhetes diários e de 25 euros, no passe de três dias no cartão *Navegante*. Na Fertagus, os portadores de bilhetes podem usufruir de um preço de ida e volta de 2 euros, nos dias do evento. A CP vai disponibilizar um comboio especial noturno, amanhã às 02.15 horas, sábado e domingo às 03.15. Já a Transtejo Soflusa vai realizar carreiras extra nos três dias do festival, no percurso Cais do Sodré para Cacilhas, nos horários até às 4.00 horas. No percurso Terreiro do Paço para o Barreiro serão às 3.00. O festival vai disponibilizar *shuttles* gratuitos, com saídas de 30 em 30 minutos, entre Sete Rios e a Bela Vista. "Queremos incentivar as pessoas para utilizarem os transportes públicos e ajudar a reduzir a pegada de carbono", explica Andreia Criner.

Mais uma vez a vertente artística vai continuar a fazer parte da terceira edição do festival com a Underdogs, uma plataforma cultural de Lisboa. Este ano a temática é *Interconnectedness* (interligação, em português). Nuno Pimenta é o artista responsável pelo Palco Meo e Ana Malta pelo Palco San Miguel. Já no Palco Lisboa, a parte artística será da autoria do artista LS. Haverá uma rampa de *skate* concebida pelo artista Manel Alma. Neste local, haverão demonstrações de *skate* e um *workshop* deste desporto olímpico. Outra novidade vai ser o espaço Balore no Parque da Bela Vista com vários pontos de informação sobre inclusão, direitos humanos e sustentabilidade. Esta edição vai ter, pela primeira vez, linguagem gestual no palco principal, uma oficina para cadeiras de rodas e uma área junto aos palcos para surdos sentirem a batida das músicas. Sendo a sustentabilidade outro dos pilares principais do festival, segundo a organização, o diretor da Last Tour Portugal, Diogo Marques, referiu numa entrevista recente ao DN que este ano os combustíveis são eco para reduzir ainda mais a pegada ecológica. O evento vai continuar a parceria da Refood, para a qual irá doar as sobras alimentares.

Sem dinheiro físico

Tal como nas edições anteriores, o Kalorama continua a ser um evento sem dinheiro físico. Todos os bilhetes vão ser trocados por uma pulseira que pode ser carregada com dinheiro com o telemóvel ou em pontos específicos no recinto. Andreia Criner relembra que durante o evento as temperaturas vão ser elevadas, mas à noite existe uma quebra acentuada. "Sugerimos às pessoas que tragam camadas de roupa para poderem ir despindo e vestindo conforme a situação que se vai sentir da Parque."

O recinto disponibiliza a entrada de *powerbanks* e garrafas de plástico de capacidade máxima 50cl.

mariana.goncalves@dn.pt

Entre alegria e preocupação. "Vizinhos" da Bela Vista preparam-se para os dias do festival

MÚSICA O DN foi perceber como moradores e trabalhadores dos arredores do Parque da Bela Vista vão receber mais um festival de música que se realiza à porta das suas casas e lojas. A terceira edição do Kalorama acontece até sábado (31).

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ** FOTOS **PAULO ALEXANDRINO**

Rua paralela à Avenida Doutor Arlindo Vicente, onde acontece o festival (acima) e Elvira Marques (abaixo).

> "Nós, que já estamos velhotes, até gostamos de ver essa juventude toda (...). Alegra-me ver a zona viva, a receber tantos jovens que vêm cá para se divertir. Então, mesmo com o barulho, são só três dias, aguento", diz Elvira Marques.

Às vésperas da terceira edição do Meo Kalorama no Parque da Bela Vista, em Lisboa, os estabelecimentos das proximidades do recinto preparam-se para os três dias do festival que se inicia hoje e segue até a madrugada de sábado (31). A Pastelaria Parque da Bela Vista, situada em frente ao local onde o festival estará instalado nos próximos dias, é uma das únicas opções para os festivaleiros se concentrarem para comer ou beber antes do evento e que, nos dias de Meo Kalorama, tem a sua dinâmica adequada à demanda.

"Para o festival, mudamos um pouco a estrutura: não deixamos a parte de dentro aberta, fica muita confusão. Fazemos duas bancas aqui à porta, uma para vender senhas em pré-pagamento e outra para levantar as cervejas, outras bebidas e também sandes e bifanas que fazemos aqui dentro", conta Filipa Costa, funcionária da pastelaria.

Para Filipa, o Meo Kalorama traz aspetos positivos para as finanças do café, embora, por outro, atrapalhe um pouco a vida dos moradores e de quem trabalha na região.

"Por um lado é bom, porque é o único café mesmo perto do parque. Portanto, as pessoas acabam por recorrer a nós e isso evidentemente melhora as finanças nestes dias. O complicado para pessoas como eu, que não vivo aqui, é efetivamente chegar no meu local de trabalho; fica quase impossível parar o carro. Fora para pessoas idosas aqui do bairro, que também têm a vida dificultada durante o festival", completa Filipa, que deixará a pastelaria aberta até às 23.00 horas nos dias de Meo Kalorama.

Em outro estabelecimento próximo ao recinto, um minimercado perto da parte de trás da pastelaria, Cátia Costa, enquanto atende aos clientes habituais, afirma que o abastecimento do minimercado é prejudicado com as imediações do parque rodeadas de gente nos dias de festival.

"O festival atrapalha os negócios. Não podemos ir à avenida principal receber alguns produtos, fica fechada. Portanto, não recebemos tudo o que costumamos receber nos dias normais e de manhã acaba por faltar coisas para os nossos clientes aqui do bairro", diz Cátia que, durante o Meo Kalorama, encerra o estabelecimento às 17.00 horas para evitar confusões e falta de estoque.

Enquanto Cátia fala, Elvira Marques, uma das clientes habituais da mercearia, intervém também preocupada. Aos 80 anos, Elvira vive num dos prédios que ficam em frente ao parque: "Uma barulheira tão grande, Jesus. Felizmente este ano não tivemos o Rock in Rio", diz aliviada. A residente, que faz tratamento de hemodiálise, faz coro ao discurso de Cátia sobre a problemática do fecho da Avenida Arlindo Vicente nos dias de festival.

"Os bombeiros têm de me buscar e me trazer aqui, tanto na quinta-feira, quanto no sábado. E não sei como é que vão fazer com isso fechado. É bom que a polícia deixe passar, mas ainda não me avisaram nada", diz Elvira.

Outros residentes e trabalhadores do bairro reclamam da falta de uma contrapartida financeira para quem ali vive. No Rock in Rio, por exemplo, Elvira afirma que os moradores das imediações do Parque da Bela Vista recebiam dois bilhetes por casal. Já no Meo Kalorama, recebem um desconto de 50% para os bilhetes, algo que, para Elvira, não é grande vantagem: "São muito caros, para nós não vale a pena", afirma. O bilhete diário tem o preço de 65 euros e passe para os três dias do festival custa 160 euros, mais as taxas (cerca de 171 euros).

Mesmo preocupada, Elvira mostra bom humor ao falar do festival, especialmente por ver a zona onde vive "animada por jovens."

"Nós, que já estamos velhotes, até gostamos de ver essa juventude toda. Ver gente nova faz bem. Já tenho 80 anos, portanto alegra-me ver a zona viva, a receber tantos jovens que vêm cá para se divertir. Então, mesmo com o barulho, são só três dias, aguento. Desde que me busquem para fazer o tratamento, está tudo certo", finaliza.

Olhar para a América afro-americana com especificidade segura e sem condescendência.

Amor de pai

DOCUMENTÁRIO Está já na Netflix um dos documentários com *hype* para os próximos Óscares, *Pais e Filhas*, de Angela Patton e Natalie Rae, um feliz exemplo de uma nova linguagem do cinema documental americano, com ênfase na descrição séria de uma comunidade afro-americana.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Os números oficiais anunciam que o sistema de encarceramento nos EUA está a atingir níveis desumanos. As prisões, sobretudo para a comunidade negra, são um dos maiores pesadelos sociais nestes dias. Estamos a viver tempos em que as visitas são proibidas de forma presencial e em que há um negócio de chamadas e de videochamadas entre os encarcerados e as suas famílias. Este documentário que caiu no goto da crítica mostra isso sem ser esse o seu tema diretamente, sendo que não deixa de ser impressionante o acesso desta câmara ao interior de uma prisão de alta segurança, um local bem mais desumano e sombrio que muitos filmes realizados por brancos em Hollywood imaginam.

Daughters, que segundo os *buzzes*, pode estar na linha da frente para os Óscares na secção de documentário, é sobretudo um filme sobre paternidade e a sua dádiva, centrado, claro, no drama de quem não pode estar com os seus filhos. Não se trata de oportunismo sentimental, longe disso, mas sim de uma proposta para sermos testemunhas de algo que é raro o cinema poder mostrar: um encontro entre pais e filhas que vão poder estar juntos apenas durante seis horas. É coisa de arrepiar, entre a alegria mais inocente e a crueldade mais pragmática. De um lado, os pais, criminosos condenados com penas pesadas, do outro, crianças e adolescentes que aprenderam a amar os seus pais à distância.

> Na essência, *Pais e Filhas* é sobre famílias cortadas ao meio. No último terço, há finais felizes que a produção perseguiu, mas também há casos adiados e tristes.

As realizadoras Natalie Rae e Angela Patton foram atrás de uma exceção neste regime das videochamadas nas prisões americanas (não é demais lembrar que os EUA são o país com o maior número de detidos no mundo), sobretudo através do trabalho de ativismo de Patton, uma mulher que luta em prole do orgulho das mulheres afro-americanas. Foi ela quem descobriu um programa de associação que ajuda a interação entre pais e filhas afro-americanas nas prisões. Uma associação que conseguiu organizar um baile só para filhas e pais numa prisão. Uma ocasião única que durante semanas preparou prisioneiros a lidar, em muitos casos pela primeira vez, com as suas filhas que não estão a criar. Para as crianças e adolescentes podia ser a única forma de conhecer fisicamente os seus papás.

Por muito que o filme possa parecer uma lança promocional do trabalho social e humanitário de Angela Patton, *Pais e Filhas* tem o mérito de ser sempre genuíno e brutalmente honesto, não só porque se sentem os quatro anos na sua feitura, mas todo um envolvimento afetivo que só o enriquece. O documentário tem o seu clímax a meio, o baile, mas depois continua. O que acontece depois de um momento extra? Como é que aquelas raparigas crescem com uma ausência, como é que aqueles homens aceitam que têm de viver a saber que não vão criar as suas filhas? As respostas estão lá todas e são dadas por um cinema que está em cima daqueles homens e daquelas meninas. Por muito que faça impressão a muitos os cuidados estéticos da câmara, o que é do tempo do real sobressai sempre mais – da reunião com o conselheiro dos pais ao plano das gravatas e roupas dos pais empilhadas no chão montado em seguida com a sequência dos pais já a recolherem às celas com os fatos cor de laranja. É coisa que toca bem fundo, seja a quem é pai ou não.

No seu pior, *Pais e Filhas* tem algo de um especial encomendado por Oprah Winfrey para servir de consolo, no seu melhor pertence à escola de cinema documental que deu um passo à frente e capta uma ação real com tempos narrativos autónomos e dinâmicos e sem medo de se parecer com um curso intensivo de psicologia social. Na essência, é sobre famílias cortadas ao meio. No último terço, há finais felizes que a produção perseguiu, mas também há casos adiados e tristes.

Em tudo isso, ficamos presos ao olhar das filhas sem pai, meninas que são tremendamente carismáticas, animais de câmara, proeza das cineastas. Pelo meio, manda-se às urtigas a fórmula das entrevistas mais clássicas. Os protagonistas estão prontos a ser "apanhados" nos seus dramas e alegrias, neste vendaval da ansiedade da separação. E as realizadoras estão lá sempre nos momentos vitais, sabem captar com ética o preciso momento do adeus derradeiro. Cinema certo na altura certa.

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
PAIS E FILHAS	★★★★★	★★★	
BRUNO REIDAL – CONFISSÕES DE UM ASSASSINO	★★★★		
O MONGE E A ESPINGARDA	★★★		★★★
24 FRAMES	★★★★★		★★★★★
VERDADE OU CONSEQUÊNCIA?		★★★★	★★★★
GREICE		★★	
TERRA QUEIMADA	★★★	★★★★	★★★★
A LINHA	★★★★		
UM SINAL SECRETO		★★★	
MOTEL DESTINO	★★	★★★★	★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Dimitri Doré no papel de Bruno Reidal: memórias trágicas.

Uma nova história da loucura

TRAGÉDIA *Reidal – Confissões de Um Assassino* encena a história verídica de um crime cometido em 1905 por um jovem seminarista: descobrimos, assim, o trabalho de Vincent Le Port, cineasta capaz de expor os contrastes mais perturbantes do fator humano.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Neste tempo de filmes enredados na monotonia do politicamente correto, apenas empenhados em satisfazer um discurso "edificante" que já está consumado (e consumido) antes mesmo de o filme começar a ser projetado, que fazer face a um objeto tão estranho e impressionante como é *Bruno Reidal – Confissões de Um Assassino*, primeira longa-metragem do francês Vincent Le Port (n. 1986)? Talvez começar por lembrar que o cinema não é uma coleção de sermões moralistas para reforçar o sonambulismo cultural de uma audiência de *talk show*…

Que está, então, em jogo neste filme revelado em 2021, na Semana da Crítica de Cannes? Pois bem, uma história (verídica) vivida no ano de 1905, no Departamento de Cantal, no centro-sul do mapa de França. Bruno Reidal é um jovem seminarista que mata um rapaz de 12 anos, de imediato entregando-se às autoridades – de forma esquemática, podemos dizer que o filme se organiza como uma memória didática do processo de interrogação de uma junta de médicos, tentando compreender de onde provém a violência brutal de Reidal, aliás desde o primeiro momento reconhecida pelo próprio.

Na frieza metódica da sua exposição, *Bruno Reidal – Confissões de Um Assassino* não terá muitas experiências paralelas na história do cinema. Para o leitor eventualmente interessado em explorar esse desafio narrativo de encenar o mal absoluto, recordo um outro exemplo, também francês, datado de 1976: *Moi, Pierre Rivière*, de René Allio, sobre o caso de um jovem que, na Normandia, em 1835, assassinou vários familiares – na base do argumento do filme estão documentos compilados por Michel Foucault (1926-1984), no âmbito das suas investigações dos Anos 50/60 sobre as doenças mentais e a história da loucura.

Dir-se-ia que Le Port criou uma espécie de capítulo zero para uma nova história da loucura, tanto mais concisa e perturbante, quanto é o próprio Bruno Reidal que surge como narrador do seu destino trágico. O crime que ele comete envolve um radicalismo cuja obscenidade é ampliada pelo facto de a sua vítima acabar por resultar de uma escolha "acidental".

Mais do que isso: Reidal aceita expor – e, mais do que isso, escrever – a sua confissão, desde o primeiro momento reconhecendo, com infinitos detalhes, que nele existe um ziguezague perverso entre a pulsão sexual e o impulso assassino.

O filme é "apenas" o relato desse processo confessional em que o fator humano se expõe para lá de qualquer hipótese romanesca ou redentora. Há um misto de serenidade e coragem na *mise en scène* de Le Port, relatando esta odisseia sangrenta como uma história que não é exterior a esse fator, antes expõe as convulsões internas daquilo que habitualmente apelidamos de "natureza humana".

A não esquecer: a sua linguagem precisa e descarnada encontra o eco adequado no espantoso trabalho do estreante Dimitri Doré, intérprete de Bruno Reidal.

Armas em terra de valores espirituais.

Do Butão com humor e democracia

COMÉDIA Segundo filme de Pawo Choyning Dorji, realizador que levou o Butão aos Óscares em 2022, *O Monge e a Espingarda* é um divertido e imprevisível conto sobre o equilíbrio entre a modernidade e a tradição.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Com uma boa dose de simplismo, podemos dizer que foi através de *Um Iaque na Sala de Aula* que ficámos a conhecer o Butão. Nessa longa-metragem de estreia de Pawo Choyning Dorji – amplamente citada por ter representado o país do sul da Ásia, pela primeira vez, nos Óscares em 2022, na categoria de Melhor Filme Internacional – entrávamos pelas suas generosas paisagens adentro seguindo a modesta aventura de um jovem professor enviado para a escola mais remota do mundo, e sujeito à típica transformação humana que as experiências em lugares humildes e não modernizados sugerem. Agora, ao segundo filme do realizador butanês nascido na Índia, sente-se que a narrativa se sofisticou um pouco mais: ao regressar ao ambiente rural, a sua contemplação do choque entre a vida moderna e os valores antigos ganha contornos menos óbvios, e segue por caminhos inesperados.

O Monge e a Espingarda surge, assim, como uma engenhosa forma de contar os meandros da chegada da democracia ao Butão. Situando-se em 2006, quando a televisão e a internet começaram a "trazer mundo" às pessoas ali habituadas a viver a felicidade imaterial, o filme centra-se no pequeno frenesim gerado pela notícia de que o rei abdicou e está em marcha um processo de ensino da democracia. Isto é, para dar aos habitantes rurais noções básicas do que significa escolher o seu líder, o Governo organiza uma simulação de eleições, que mais não faz do que expor o imenso trabalho pela frente… Por exemplo, na hora do recenseamento eleitoral, há quem não saiba o seu próprio nome de família.

Enquanto isso, ouvindo falar da grande mudança em curso, um monge ancião – que é o guia espiritual daquela província montanhosa – manda um dos seus discípulos à procura de uma espingarda para usar no dia das eleições. O que leva um monge a solicitar uma arma mortífera? A nossa espera pela resposta vale a pena. Até porque, entretanto, uma dupla formada por um americano e um jovem local, que se prepara para comprar a peso de ouro a "única" espingarda que por ali se encontra (uma valiosa antiguidade, pois claro), ver-se-á sem escapatória neste lugar onde o dinheiro não vale praticamente nada…

Desta feita, Pawo Choyning Dorji alcançou mesmo um ponto de humor bonacheirão que satisfaz a alma. Ao versar sobre voltas e voltinhas numa paisagem que está a aprender a coexistir com a ideia de um herói chamado 007 e a deixar-se contagiar pela palavra democracia, como alguém diz, "vinda da terra de Lincoln e JFK", o cineasta do país mais feliz do mundo criou um labirinto prazeroso, cheio de uma graça humana que nos faz olhar para o Butão na medida das suas virtudes interiores. Eis um filme em que os chamados fenómenos hilariantes residem nos detalhes de uma mentalidade profunda. Aqui, as dores de crescimento coletivo não são propriamente um drama – são um recreio espiritual.

O elenco de *Beetlejuice Beetlejuice* – está-se bem no além de Tim Burton.

Mais do que no primeiro filme, agora Burton experimenta a mistura entre musical e animação, "salganhada" perfeita num *freakshow* em que a excentricidade vem com um humor gótico gentilmente saudosista e inofensivo.

Veneza 81. Fantasmas que ainda divertem

FESTIVAL O Festival de Veneza abriu e bem com *Beetlejuice Beetlejuice* ou Tim Burton a fazer a sequela improvável de *Os Fantasmas Divertem-se*, de 1988. Ontem também foi o dia do tributo veneziano a um mito de Hollywood, Sigourney Weaver.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM VENEZA

Numa das sessões de *Beetlejuice Beetlejuice* para a indústria e imprensa, mal apareceram os créditos, ouviram-se aplausos contidos. A contenção talvez se explique por uma sala composta maioritariamente por quem não cresceu nos anos 1980, década que viu o original tornar-se num sucesso. Por muito que Tim Burton tenha feito esta sequela três décadas depois para uma nova audiência, o verdadeiro alvo é o público que cresceu com estes fantasmas. O filme, que estreia para a semana nas salas de Portugal e do mundo inteiro, é, como se esperava, um exercício conceptual entre a nostalgia e o reciclar anti-clássico. Burton fá-lo com uma galhardia quase radical e um espírito de diversão próprio de um artista que já não tem nada para provar. Tal como no título português do filme de 1988, *Os Fantasmas Divertem-se*, é realmente o sempre jovem Burton a divertir-se. Um Burton a filmar para o seu próprio agrado e para os fãs de ontem.

Desta vez, a adolescente de Winona Ryder é uma mulher feita, viúva e mãe de uma adolescente que não acredita em fantasmas. Não acredita, mas deveria acreditar. Beetlejuice quer voltar do submundo dos mortos para casar com a sua mãe e também porque o seu *date* pode estar morto e atrai-la para os calabouços da morte. Em simultâneo, Monica Bellucci faz de diva morta cozida que quer reencontrar Beetlejuice. E, para nos deixar deliciosamente baralhados, Willem Dafoe surge como um ator cabotino que no purgatório é o chefe da força policial que vigia os mortos pior comportados.

Mais do que no primeiro, agora Burton experimenta a mistura entre musical e animação, "salganhada" perfeita num *freakshow* em que a excentricidade vem com um humor gótico gentilmente saudosista e inofensivo. De alguma maneira, os sorrisos que provoca fazem mais sentido para quem o vir com olhos de memorabilia cinéfila – há referências ao *giallo*, o género de *suspense* italiano, mas também a picardias com a memória Disney (este é o delírio mais Looney Tunes em imagem real que a Warner poderia ter sonhado; em última instância, uma carta de picardia anti-disneyana). A própria personagem do demónio, interpretado por Michael Keaton, está com um humor mais seco do que nunca e funciona pela gestão da autocitação ao universo de Burton. A equipa do bota-abaixo vai corroborar que é autogestão… Que o seja, trata-se de uma arte de reciclar um capricho gótico-pop que nos ficou na pele. Recuperar esta Winona Ryder e a teatralidade de Michael Keaton é fazer-nos sentir em casa, em zona de conforto lícita e nada preguiçosa, naturalmente com um pequeno empurrão da música de Danny Elfman e dos Bee Gees.

Barbera e o YouTube
Alberto Barbera, o diretor do festival, num comunicado na revista *Ciak*, jurava a pés juntos ter escolhido os 21 melhores filmes do mundo para o concurso ao Leão de Ouro e é taxativo quando afirma que, mais do que a Netflix e companhia, os jovens hoje consomem mais YouTube, esse sim o principal meio de visualização desta arte. Será arte ou só mesmo indústria, boa reflexão para se ter nesta maratona feita sob um sol infernal que torra a cabeça de muitos "festivaleiros". O diretor também fala de uma tendência para os filmes estarem maiores e nesta competição há que estar bem desperto para filmes muito exigentes com durações larguíssimas. *The Brutalist*, do prodígio Brady Corbet, tem mais de 200 minutos…

A noite de Sigourney
A abertura desta edição foi ainda marcada pelo Leão de Ouro de carreira atribuído a Sigourney Weaver – diva de um certo cinema *eighties* americano –, daqueles casos em Hollywood, que talvez nunca tenha tido justiça após os 50 anos. A atriz que ficou aclamada com a saga *Alien* foi e é sempre mais do que isso. No meu entender, os seus grandes papéis são em filmes de dimensão humana como *Gorilas na Bruma* (1988), de Michael Apted, e *A Morte e a Donzela* (1994), de Roman Polanski. Aos 74 anos, tem direito a um Leão tão merecido…

Opinião
Paulo Afonso

Para além de Cabrilho – navegadores portugueses na Alta Califórnia e no Pacífico

Uma carta escrita em 1550 por Pablo de Torres, bispo do Panamá, afirmava que metade dos marinheiros e pilotos do Mar del Sur eram portugueses. Esta afirmação extraordinária implica que a participação dos navegadores portugueses na exploração do Oceano Pacífico Oriental (baptizado de Mar del Sur pelos espanhóis) foi claramente para além das descobertas pioneiras feitas por Cabrilho, que cartografou pela primeira vez a costa da Alta Califórnia em 1542-1543, apenas 50 anos depois de Colombo ter chegado às Caraíbas.

Estará entre estes portugueses Luís Gonçales (*sic*), o nome do piloto (e aparente dono) do bergantim *San Miguel*, o navio mais pequeno da frota de Cabrilho? Gonçales (sim, com cedilha), era também um sobrenome comum em Castela nessa época (em vez do actual González). Por si só, o sobrenome não prova ou atesta nacionalidades, embora Luís Gonçales fosse também o nome do homónimo português que foi contramestre da nau de João da Gama (Capitão-mor de Macau e neto de Vasco da Gama) na viagem de 1589-1590 de Macau para Acapulco.

Temos, portanto, agora em aberto a notabilíssima possibilidade (o que é diferente de prova absoluta) de que todos os três navios da frota de Cabrilho na descoberta da Califórnia fossem propriedade de marinheiros portugueses (contando com Alvar Nunes, como referido anteriormente noutro artigo no DN, ver: *https://www.dn.pt/sociedade/mapa-da-california-de-1604-mostra-baia-de-cabrilho-e-reforca-que-descobridor-era-portugues-16888236.html*

Isto não será de espantar, dada a enorme dificuldade em encontrar pilotos espanhóis qualificados, do que já se queixava o próprio Hernán Cortés em carta datada de 1538, enviada ao Conselho das Índias a pedir ajuda, porque tinha nove navios em terra parados por falta de pilotos. Esta dificuldade, aliás, não foi apenas temporária, mas antes prolongada, pois, como nos conta Carla Delgado da Piedade, quando Sebastião Rodrigues Soromenho foi nomeado, em 1594, para explorar a costa da Califórnia (ou seja, já 86 anos depois de Espanha ter criado o cargo de piloto-mor) o vice-rei da Nova Espanha (Luís de Velasco) queixava-se do mesmo, tendo escrito sobre a contratação de um estrangeiro: "…Soromenho… é um homem experiente… e de confiança… apesar de ser português, porque não há castelhanos com tais competências, para fazer as descobertas e demarcações…"

Difícil é também o progresso na frente dos arquivos e das fontes primárias, sendo terrivelmente escassa a documentação que permita comprovar definitivamente hipóteses como esta de Luís Gonçales poder ser português. Sabe-se apenas que era dono das barcas que faziam a travessia do Rio Lempa (onde Cabrilho tinha cavalos) para São Miguel (no actual El Salvador), e que teria pelo menos alguma proximidade com Cabrilho, conhecendo-lhe o filho mais velho desde pequenino e sendo testemunho importante na prova judicial dos méritos de Cabrilho apresentada à Coroa espanhola, em 1560, pelo mesmo filho.

Ainda assim, vai ocorrendo algum progresso e é com justificado orgulho que publicamos pela primeiríssima vez parte do original do mapa de 1604 (feito pelo cartógrafo florentino Matteo Neroni) onde se confirma a singular ocorrência do topónimo "B.[aía] de Cabrilho", com o nome do navegador escrito na forma portuguesa (com lh) sobre a costa da Califórnia. Estamos a organizar uma conferência internacional de história, com o nome do título deste artigo, sendo a Universidade Estatal de São Diego (SDSU) a anfitriã principal. No portal da nossa conferência, *https://cabrilhoconference.sdsu.edu*, pode ver-se parte do raríssimo mapa de 1604 (cortesia da Biblioteca Nacional de França).

Já não era sem tempo, pois passaram 30 anos desde que foi organizada uma conferência sobre o tema das navegações de marinheiros portugueses na costa da Califórnia e no Pacífico. A viagem exploratória de Cabrilho aconteceu 37 anos antes de Drake desembarcar em Nova Albion, 43 anos antes da primeira tentativa de colonização inglesa dos EUA (na ilha de Roanoke, Carolina do Norte), ou 78 anos antes da chegada do *Mayflower* a Plymouth. Assim, merece claramente um grande destaque na história da formação dos Estados Unidos.

Naturalmente, contaremos com um conjunto notável de oradores convidados e alguns outros que apresentaram propostas interessantes ao Comité Científico da conferência. Para além de mim, muito resumidamente, teremos o prof. João Paulo Oliveira e Costa (Univ. Nova de Lisboa) a fazer a palestra contextualizante de abertura. O prof. Andrés Reséndez (Univ. da Califórnia, em Davis) trará os relatos das incríveis navegações e desventuras do piloto luso-africano Lope Martim de Lagos, na primeira viagem de regresso das Filipinas para o México. O prof. Marco Caboara (que nasceu em Génova, terra da família de Colombo e da prisão onde Marco Polo escreveu sobre as suas viagens ao Oriente) que leciona História da Cartografia na Univ. de Ciência e Tecnologia de Hong Kong irá falar-nos sobre a cartografia de Matteo Neroni. Por videoconferência teremos o prof. Mariano Cuesta Domingo (Univ. Complutense de Madrid), que é o maior especialista mundial acerca do cronista real António de Herrera y Tordesillas, e ainda o prof. Onésimo Teotónio Almeida (Univ. de Brown, EUA) a discursar sobre questões de identidade e memória.

Teremos ainda em São Diego a prof. Maria da Graça Ventura (Univ. de Lisboa), que é certamente das pessoas que mais sabe sobre a presença dos portugueses na América espanhola, falando-nos sobre a vida da almirante Isabel Barreto e ainda sobre o piloto portuense Martim da Costa, que serviu Cortés.

Já Steve Wright (Confraria dos Navegadores de Drake) irá descrever-nos a participação (quase sempre forçada) de vários portugueses na incursão de Drake pelo Pacífico Oriental, enquanto a prof. Lourdes de Ita (Univ. Michoacana de San Nicolás de Hidalgo) fará o equivalente, mas acerca da viagem de Cavendish. O prof. Ethan Banegas (SDSU) trará informação acerca da vida dos nativos Kumeyaay à chegada de Cabrilho. A prof. Carla Rahn Phillips (Univ. do Minnesota, Twin Cities) é especialista em História Marítima e dirigiu a construção de uma réplica do galeão de Cabrilho, o *San Salvador*, que iremos visitar no Museu Marítimo de São Diego (MMSD), depois de a ouvir falar no Centro de História de São Diego (SDHC).

Finalmente teremos ainda a prof. Marie Duggan (Colégio Estatal Universitário de Keene, New Hampshire) a contar-nos episódios importantes da participação de Macau no desenvolvimento comercial da Califórnia e México. A sessão de encerramento será no Monumento Nacional a Cabrilho (CNM), havendo ainda lugar para um jantar social na Base Naval de Point Loma, da Marinha dos EUA, com o vinho do Porto Cabrilho oferecido pela Quinta da Boeira.

Para além de mim, a Comissão Organizadora é composta pelo prof. Ricardo Vasconcelos (SDSU), prof. Duarte Pinheiro (Univ. da Califórnia, em Berkeley, e Instituto Camões) e eng. Idalmiro da Rosa (cônsul honorário de Portugal em São Diego).

Não sendo possível aqui detalhar todos os que apoiam esta conferência, a quem agradecemos publicamente, destacamos a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, o Ministério da Defesa, o Chefe de Estado Maior da Armada, a comunidade portuguesa na Califórnia, a SDSU, o SDHC, o MMSD, a Marinha dos EUA e o Serviço Nacional de Parques dos EUA (NPS/CNM). Um agradecimento especial ainda para o sr. Pedro Pinto, actual chefe de gabinete do primeiro-ministro e ex-cônsul-geral de Portugal em São Francisco, que sempre nos apoiou desde o início.

Para quem esteja interessado em participar na conferência remotamente, trabalharemos para ter um serviço de videoconferência disponível. Registem-se no portal quando estiver disponível. Não esperem outros 30 anos.

Investigador de História baseado nos Estados Unidos.
Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

O Grande Canal da China: o canal mais antigo do mundo

Localizada no norte da cidade de Hangzhou, na Província de Zhejiang, a zona histórica e cultural de Xiaohe Zhijie (Rua Direita do Rio Pequeno), faz parte dos sítios históricos do Grande Canal da China, atraindo muitos turistas.

A Ponte Gongchen de Hangzhou situa-se no sul do Grande Canal Pequim-Hangzhou, e tem mais de 300 anos. Os edifícios antigos e modernos ao longo do Canal mostram a fusão da História com a modernidade.

Com uma história de mais de 2000 anos, o Grande Canal da China é o rio artificial mais antigo do mundo e a principal ligação entre o norte e o sul da China Antiga, impulsionando o desenvolvimento económico e a integração das culturas de várias regiões chinesas, e servindo como um elo de ligação entre a China e o resto do mundo.

O Rio Yangtzé e o Rio Amarelo – os dois maiores rios da China – fluem de Oeste para Leste, enquanto um rio escavado manualmente pelos chineses antigos corre de Norte a Sul, conectando os dois primeiros e maiores paralelamente. Este último é denominado o Grande Canal da China e composto por três principais segmentos: o Grande Canal de Sui-Tang, o Grande Canal de Pequim-Hangzhou e o Grande Canal do Leste de Zhejiang.

Com um comprimento total de 3200 quilómetros, o Grande Canal atravessa as zonas mais ricas do país, como a planície do norte da China e a costa Sudeste, conectando os cinco grandes sistemas fluviais dos rios Hai, Amarelo, Huai, Yangtzé e Qiantang. Por isso, o Grande Canal era considerado uma importante via de navegação de Norte para Sul na China Antiga.

À semelhança dos famosos canais mundiais do Suez e do Panamá, o papel fundamental do Grande Canal da China refletiu-se na promoção dos transportes, trocas comerciais e intercâmbios culturais ao longo do seu percurso, contribuindo para a prosperidade económica, social e cultural entre o norte e sul da China, assim como os intercâmbios entre a China e o resto do mundo.

O Grande Canal começou a ser construído durante o período da Primavera e Outono (770 a.C. a 476 a.C.). Nas dinastias Sui e Tang (581 a 907) foi restaurado e expandido em larga escala, tendo como centro a cidade de Luoyang, Província de Henan, estendendo-se para o norte, até Pequim, e para sul, até à cidade de Hangzhou. Tratou-se da primeira vez na História que o norte e o Sul da China foram conectados por um canal, sendo conhecido como o Grande Canal Sui-Tang.

Posteriormente, apesar de a Dinastia Yuan (1271 a 1368) ter estabelecido a sua capital em Pequim, o centro económico permaneceu no sul.

Com o objetivo de fortalecer a conexão entre os centros político e económico, o Grande Canal deixou de passar por Luoyang, e ligou diretamente as cidades de Pequim e de Hangzhou, via Shandong, razão pela qual é chamado o Grande Canal Pequim-Hangzhou.

A entrada em funcionamento do Grande Canal deu um grande impulso ao desenvolvimento das cidades ao longo da seu curso. Nas cidades de Suzhou e Hangzhou em particular, onde havia muitos comerciantes, as lojas estendiam-se por dezenas de quilómetros e vendiam uma enorme variedade de mercadorias, e também a indústria artesanal foi desenvolvida.

Os produtos provenientes de Jiangnan, no sul (geralmente referidas como regiões do curso inferior do Rio Yangtzé) – tais como a seda, o chá, a porcelana –, eram transportados para norte através do Grande Canal. Simultaneamente os cereais, os couros e as ervas medicinais do norte eram enviados para o sul, satisfazendo a procura do mercado local. O Grande Canal permitiu o crescimento económico e a abundância de bens materiais junto do povo.

Por outro lado, o Grande Canal facilitou o encontro e a integração cultural das várias regiões chinesas, sobretudo das culturas Yanzhao e Qilu, do norte, e a Wuyue do sul da China. Promoveu o desenvolvimento das gastronomias típicas e das artes teatrais em vários locais. Por exemplo, as óperas, os poemas e as pinturas do sul foram introduzidos no norte através do Canal e, misturaram-se com a acrobacia e as artes marciais do norte. As peças clássicas de Yuanqu (a ópera da Dinastia Yuan) são um exemplo da fusão das óperas do norte e do sul, as quais mantêm a delicadeza das óperas do sul, incorporando o estilo arrojado das óperas do norte.

O Grande Canal conectava a Rota da Seda terrestre, através de Luoyang e Xi'an, em direção ao Oeste, e a Rota da Seda marítima, através de cidades como Yangzhou, Ningbo, Quanzhou, Fuzhou e Cantão, na direção Leste, assim conectando com o resto do mundo.

Desde o século XVII, o Grande Canal foi um corredor vital para a interação entre as culturas Orientais e Ocidentais, onde os emissários diplomáticos, missionários, comerciantes estrangeiros chegavam vindos de fora, residiam e conheciam a China. O italiano Marco Polo viveu vários anos nas margens do Grande Canal durante a Dinastia Yuan e descreveu na sua obra *As Viagens de Marco Polo* a prosperidade das cidades ao longo do vale desta via aquática.

Em 1855, a mudança do curso do Rio Amarelo interrompeu a navegação no Grande Canal. Com o passar do tempo, a maior parte das funções do Grande Canal foram substituídos pelos transportes ferroviário, aéreo e marítimo, mas algumas partes ainda estão em funcionamento.

Hoje em dia, as cidades ao longo das margens do Grande Canal estão empenhadas na sua restauração e preservação, realizando várias rotas turísticas. Por exemplo, podem fazer-se passeios de barco em Pequim, ou em Hangzhou, para apreciar as paisagens lindas ao longo do Canal.

Em 2014, o Grande Canal foi classificado como Património Mundial. Em 2021, foi inaugurado o Museu do Grande Canal da China, em Yangzhou, onde os visitantes podem conhecer, de forma imersiva, a história do Canal em diferentes contextos temporais e espaciais.

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

emprego

avisos, tribunais e conservatórias

AVISO

Procedimento concursal para provimento de um lugar/cargo de direção intermédia de 4.º grau – Unidade de 4.º Grau de Escola a Tempo Inteiro do Município de Almeirim

Nos termos do disposto nos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 51/2005, de 30 de agosto, 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 64/2011, de 22 de dezembro, aplicável à administração local por força do n.º 1 dos artigos 2.º e 12.º da Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto e por deliberação de câmara municipal datada de 12 de agosto de 2024, aprovada a constituição do júri do procedimento concursal em reunião da assembleia municipal de 7 de agosto de 2024 por proposta da Câmara Municipal de 29 de julho de 2024, será publicitado na Bolsa de Emprego Público (**www.bep.gov.pt**) até ao 3.º dia após a data da publicação do aviso n.º 18794/2024/2, publicado no DR, Série n.º II , N.º 165/2024, de 27 de agosto de 2024, e pelo prazo de 10 dias úteis, o procedimento concursal para recrutamento e seleção do cargo de direção intermédia de 4.º grau para a Unidade de 4.º grau de Escola a Tempo Inteiro do Município de Almeirim.
A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, dos métodos de seleção e a composição do júri do procedimento e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas constarão da publicitação da Bolsa de Emprego Público.

Paços do Município de Almeirim, 27 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Pedro Miguel César Ribeiro

AVISO

Procedimento concursal para provimento de um lugar/cargo de direção intermédia de 4.º grau – Unidade de 4.º Grau de Primeira Infância do Município de Almeirim

Nos termos do disposto nos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 51/2005, de 30 de agosto, 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 64/2011, de 22 de dezembro, aplicável à administração local por força do n.º 1 dos artigos 2.º e 12.º da Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto e por deliberação de câmara municipal datada de 12 de agosto de 2024, aprovada a constituição do júri do procedimento concursal em reunião da assembleia municipal de 7 de agosto de 2024 por proposta da Câmara Municipal de 29 de julho de 2024, será publicitado na Bolsa de Emprego Público (**www.bep.gov.pt**) até ao 3.º dia após a data da publicação do aviso n.º 18795/2024/2, publicado no DR, Série n.º II , N.º 165/2024, de 27 de agosto de 2024, e pelo prazo de 10 dias úteis, o procedimento concursal para recrutamento e seleção do cargo de direção intermédia de 4.º grau para a Unidade de 4.º grau de Primeira Infância do Município de Almeirim.
A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, dos métodos de seleção e a composição do júri do procedimento e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas constarão da publicitação da Bolsa de Emprego Público.

Paços do Município de Almeirim, 27 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Pedro Miguel César Ribeiro

AVISO

Procedimento concursal para provimento de um lugar/cargo de direção intermédia de 3.º grau – Unidade de 3.º Grau de Educação e Serviços de Saúde do Município de Almeirim

Nos termos do disposto nos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 51/2005, de 30 de agosto, 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 64/2011, de 22 de dezembro, aplicável à administração local por força do n.º 1 dos artigos 2.º e 12.º da Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto e por deliberação de câmara municipal datada de 12 de agosto de 2024, aprovada a constituição do júri do procedimento concursal em reunião da assembleia municipal de 7 de agosto de 2024 por proposta da Câmara Municipal de 29 de julho de 2024, será publicitado na Bolsa de Emprego Público (**www.bep.gov.pt**) até ao 3.º dia após a data da publicação do aviso n.º 18793/2024/2, publicado no DR, Série n.º II, N.º 165/2024, de 27 de agosto de 2024, e pelo prazo de 10 dias úteis, o procedimento concursal para recrutamento e seleção do cargo de direção intermédia de 3.º grau para a Unidade de 3.º grau de Educação e Serviços de Saúde do Município de Almeirim.
A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, dos métodos de seleção e a composição do júri do procedimento e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas constarão da publicitação da Bolsa de Emprego Público.

Paços do Município de Almeirim, 27 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Pedro Miguel César Ribeiro

Recrutamento de quadros para a ***AMT***

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**

PUBLICIDADE

Ambiente e Energia

Direção-Geral de Energia e Geologia

Aviso

Faz-se público, nos termos e para efeitos do n.º 3 do art.º 27.º do Decreto-Lei n.º 86/90, de 16 de março, que o Município do Crato, titular do contrato de exploração da água mineral natural n.º HM-12, denominada TERMAS DO MONTE DA PEDRA, situada no concelho do Crato, distrito de Portalegre, veio requerer a fixação do perímetro de proteção daquele recurso, cujas zonas e respetivos limites se indicam seguidamente, em coordenadas no sistema PT-TM06/ETRS89.

ZONA IMEDIATA: delimitada pelo polígono 1, 2, 3 e 4, cujos vértices apresentam as seguintes coordenadas:

Vértice	X (m)	Y (m)
1	31 679	-32 420
2	31 724	-32 458
3	31 696	-32 508
4	31 645	-32 463

ZONA INTERMÉDIA: delimitada pelo polígono 5, 6, 7 e 8, cujos vértices apresentam as seguintes coordenadas:

Vértice	X (m)	Y (m)
5	31 570	-32 020
6	32 260	-32 510
7	31 950	-33 080
8	31 100	-32 370

ZONA ALARGADA: delimitada pelo polígono 9, 10, 11 e 12, cujos vértices apresentam as seguintes coordenadas:

Vértice	X (m)	Y (m)
9	31 636	-31 959
10	32 978	-32 854
11	32 317	-33 818
12	30 744	-32 614

No interior das referidas zonas aplicar-se-ão as restrições e condicionamentos ao uso e fruição dos terrenos estabelecidos nos art.ºs 47.º a 49.º da Lei 54/2015, de 22 de junho.
Convida-se todos os interessados a apresentar reclamações, por escrito e devidamente fundamentadas, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente Aviso.
O pedido está patente para consulta, dentro das horas de expediente, na Direção-Geral de Energia e Geologia, sita na Av. 5 de Outubro, n.º 208, 8.º andar – 1069-039 LISBOA. O pedido de consulta deverá ser endereçado para **aguas@dgeg.gov.pt**, endereço para onde deverão ser enviadas as reclamações. O presente aviso, planta de localização e publicitação do pedido estão também disponíveis na página eletrónica desta Direção-Geral.
6 de agosto de 2024 - **A Subdiretora-Geral**, *Cristina Lourenço*

Diario de Noticias

CRONICA internacional

UM ROMANCE

O CORVO, A ILHA MINUSCULA DE LILLIPUT

O Castelo de S. Jorge assaltado

COMO OS PARTIDOS VÊEM A REPUBLICA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 29 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

Sexta feira, 29 de Agosto de 1924

Um grupo de civis pretendeu assaltar o Castelo de S. Jorge depois do toque de recolher, como largamente relatamos.

O chefe do governo declarou a um redactor do DIARIO DE NOTICIAS que a ordem será mantida em todo o país.

Telef.

CARTA DE VIENA

COMO OS PARTIDOS VÊEM A REPUBLICA

RADICAL

DEMOCRATICO

NACIONALISTA

PRESIDENCIALISTA

NEM PINTADA

MONARQUICO

MARQUES

Telef. — 2446 e 5310

FESTA

OUTRA TENTATIVA REVOLUCIONARIA

O Castelo de S. Jorge assaltado

Um numeroso grupo de civis, comandado por três oficiais, tenta apossar-se do velho reduto

Devido á disciplina dos soldados de infantaria 16 e após um intenso tiroteio, o grupo foi posto em debandada, tendo sido presos trese dos assaltantes

Ontem, por volta das 10 horas da noite, foi a cidade alvoroçada por um intenso tiroteio que parecia travar-se para os lados do Castelo de S. Jorge. O facto vinha confirmar os boatos que durante a tarde haviam corrido de que durante a noite estalaria um movimento revolucionario de caracter radical-comunista, dizendo-se até que a senha e a contra-senha dos revolucionarios já fôra distribuida.

Dois redactores do «Diario de Noticias» saltaram imediatamente para um automovel. O Chiado e as ruas da Baixa tinham o seu aspecto habitual, mas o olhar experimentado do observador reconheceria que aqui e além se formavam certos grupos que comentavam qualquer acontecimento impreciso. Dir-se-ia, passe a frase, que havia coisa no ar.

A caminho do Castelo

O automovel começa a subir a calçada do Limoeiro. Um pouco antes da prisão, uma patrulha, de espingardas aperradas, sai ao caminho, gritando: «Faça alto!» A ordem é imediatamente executada, com grande espanto e digamos mesmo, terror do «chauffeur», que não sabia ao que ia. A nosso lado passa um electrico atulhado de gente, surpresa do aspecto belico da rua. Efectivamente, poucos passos adiante, a guarda do Limoeiro formava toda de baioneta calada.

O oficial indaga a identidade das pessoas que seguem no automovel e autoriza que o carro siga pela rua acima mas recomenda, contudo, maior prudencia e uma pronta obediencia ás intimativas das patrulhas que se sucedem. No Castelo passou-se qualquer acontecimento extraordinario que o oficial não pode precisar.

O caminho começa a ser dificil. A iluminação não existe, porque a maioria dos candeciros estão apagados. Tentamos alcançar o Castelo pela rua do Infante D. Henriquet. Alguns populares dão-nos os primeiros informes. O Castelo foi assaltado por militares e civis. Ninguem pode lá chegar. Nem os proprios carros da Cruz Vermelha conseguiram passar, não obstante a sua humanitaria missão. Ha mortos, ha feridos?—não o sabem dizer. Todavia de onde estamos ouvimos lá em cima crepitar a fuzilaria.

O «chauffeur», a quem o medo punha fremitos de indignação na voz pela nossa insistencia em prosseguir o caminho declara terminantemente que não vai mais adiante, por aquele sitio pelo menos.

—Já estás a cortar cavilha, diz, ironico, um popular.

Momentos de nervosismo

Forçados a voltar atrás, chegamos de novo ao Limoeiro. O oficial atencioso com quem já haviamos tratado acede ao pedido de ordenar ás patrulhas que deixem o carro atingir o portão mediaval do Castelo. O «chauffeur», um pouco mais sossegado agora com a garantia de poder seguir com autorização militar, mete o carro pela rua da Saudade acima.

A rua tinha o sossêgo e a escuridão dum tumulo. Ninguem, absolutamente ninguem. O largo dos Loios igualmente deserto. Na noite havia o silencio tragico das embuscadas.

A' porta do Castelo, onde a lenda diz que Martim Moniz sacrificou a vida para dar passagem aos seus, divisa-se uma massa confusa de soldados. Tilintavam as baionetas... Pela ultima vez o carro foi intimado a parar.

Apeamo-nos. Na nossa frente surge um oficial alto, desempenado, de «stich» na mão. Rosto glabro, feições energicas, peito cheio de medalhas, atestam valor e bravura.

Um cabo, sem «képi», com o rosto transtornado, grita:

—Comandante, tome cuidado, os soldados estão excitados!...

Ele nem sequer o ouve. Transpõe a porta do quartel. De roldão entrámos tambem, misturados com um numeroso grupo de soldados. Um chefe de policia pretende tolher-nos a entrada.

—Somos redactores do «Diario de Noticias».

—Podem seguir... o que lhes suceder é lá com os senhores!

E seguimos, ou melhor, corremos ao lado dos soldados, á frente dos quais marchava direito, rigido, hirto, imponente, na consciencia do dever que ia cumprir, o major João Henriques de Melo, comandante do batalhão de infantaria n.º 16, aquartelado no Castelo.

A pequena calçada que conduz ao arco tinha um aspecto impressionante. De cada canto surgia um soldado. Não havia panico, mas havia um fremito de nervosismo como nos momentos que precedem uma batalha.

O chefe de policia que pertence á esquadra do patio de D. Fradique com alguns soldados da guarda republicana formam á direita da calçada. Passámos diante da casa da guarda. «Quem em lá», rouqueja uma sentinela. E' o nosso comandante», e o grupo segue direito á esplanada.

Mais soldados, todos de baioneta calada. Um jacto de luz corta a sombra. Na nossa frente escancára-se uma porta que dá accesso a uma escada muito ingreme, profusamente iluminada. Dum lado e doutro, em cada degrau, hirtos como estatuas mais soldados de baioneta calada apresentam armas ao comandante.

Em frente dos presos

Penetrámos na sala dos oficiais.

Em redor duma mesa larga que as lampadas electricas iluminam vivamente, uma duzia de civis passeiam agitadamente como feras na jaula.

O major Melo dá alguns passos dentro da sala e estaca. Numa voz forte, energica, voz de comando, indaga:

—Que fazem os senhores neste quartel?! e dirigindo-se especialmente a um dos presos tipo fino, a quem um monoculo fixado na orbita direita dava uma maior distinção, destacando-se do grupo, quasi todo constituido por rapazes novos, modestamente vestidos, tipos de operarios, exclama:

—Serão, porventura, mais republicanos do que eu?! Ter-se-ão sacrificado mais em defeza da Patria e das instituições?!

As suas frases caem no silencio. Aqueles homens sentem-se dominados. Dois oficiais de pistola na mão ladeiam agora o comandante e os três entram no gabinete ao fundo.

Rapidamente, interrogámos um dos presos, rapaz novo, vinte anos, quando muito de idealismo e de esperança.

—O que se passou?

Ele sintetisa.

—Uma revolução radical-comunista que falhou. Assaltámos o quartel, ficámos presos... Outros mais felizes conseguiram fugir.

Um oficial novo, rosto imberbe, está tambem preso. E' o tenente Viana, de artelharia, ha pouco regressado do Ultramar.

—Já os senhores cá tardavam... Quere o meu nome, tome nota: Alfredo Mesquita... Se este movimento triunfa, era um heroi... assim, sou um preso como outro qualquer.

O comandante convida-nos a entrar no seu gabinete. Sobre a secretaria, a pistola da ordenança está destravada.

Informa-se do numero dos presos, tanto civis como militares. Dos ultimos ha só dois, dos quais apenas um apareceu fardado—o tenente Viana, a que atraz

Porta medieval do Castelo de S. Jorge ontem varrida por intensa fusilaria

fazemos referencia. O outro, o tenente Piçarra vinha á paisana e é um individuo de monoculo a que acima aludimos.

O alferes Ferreira, que os soldados afirmam ser um dos comandantes do grupo que assaltou o castelo, conseguiu fugir.

Como se deu o assalto

Rapidamente somos informados do que se passára. Depois do toque de recolher, pelas 10 e 30, um grupo de 30 civis com cumplicidade dos sargentos que estavam de guarda á porta do quartel, penetrou na parada nova. Imediatamente se espalharam pela esplanada, distribuindo pelos soldados o manifesto que adiante publicamos. Soltaram-se alguns vivas á republica radical. Alguns dos civis mais decididos penetram no edificio e dirigindo-se ao gabinete onde o tenente Sanches estava de piquete, prenderam-no, cortando, em seguida, os fios telefonicos e deixando o quartel sem comunicações.

O Castelo de S. Jorge, de que os revoltosos tentaram apossar-se

Foi então que dois soldados que ali se encontravam correram ás casernas, onde os tenentes Quadros e Viegas procediam á formatura do recolher, pondo-os ao facto do que se passava. Como um só homem, num movimento unanime, os soldados correram a armar-se. Estabeleceu-se um tiroteio terrivel. Os civis, impelidos, cercados pelos soldados puseram-se em debandada. A disciplina

Major João Henrique de Melo, comandante do batalhão de infantaria 16, aquartelado no Castelo de S. Jorge

foi mais uma vez o lema do brioso soldado português.

Os sargentos Margalho, Camejo e Prata, este ultimo que estava de guarda ao quartel e que, ao que se diz, permitiu a entrada dos civis, foram presos pelos soldados.

Os sargentos Margalho, Camejo e Gregorio Prata, este ultimo que estava de guarda ao quartel e que, ao que se diz, permitiu a entrada dos civis, foram presos pelos soldados.

O sargento Prata, ao que constava, havia tirado as munições aos soldados, a fim de não poderem repelir o assalto.

Nesta altura surgiu o tenene Cardona que móra perto do quartel e acorreu ao ruido das detonações. Assumiu o comando das praças que muito excitadas continuavam a fazer fogo, respondendo á

Paralímpicos sobem à cena em Paris

O nadador Diogo Cancela e a atiradora Margarida Lapa foram ontem os porta-estandartes de Portugal na Cerimónia de Abertura dos Jogos Paralímpicos de Paris, que fez subir o pano para 11 dias de competição. Tal como o evento inaugural dos Jogos Olímpicos – realizado no Rio Sena, em julho –, também o dos Paralímpicos decorreu pela primeira vez fora do estádio principal, com um desfile entre os Campos Elíseos e a Praça da Concórdia. A partir de hoje, 4400 atletas, entre os quais 27 portugueses, competirão em 22 modalidades, num total de 549 eventos.

EPA / TERESA SUAREZ

Guardas prisionais recebem retroativos ainda este mês

SUPLEMENTO Aumento acordado entre sindicatos e Governo foi processado relativo aos meses de julho e agosto e será transferido para as contas até sexta.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

Os retroativos do aumento na "componente fixa do suplemento por serviço", relativo aos meses de julho a agosto, dos Guardas Prisionais, será pago ainda este mês.

Segundo soube o DN junto de fonte da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), foi possível processar os pagamentos e concretizar a transferência dos valores em causa ontem, pelo que os guardas deverão receber os valores nas suas contas o mais tardar até sexta-feira.

Trata-se da concretização do acordo conseguido, em julho, entre o Ministério da Justiça e o Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, a Associação Sindical de Chefias do Corpo da Guarda Prisional e o Sindicato Independente do Corpo da Guarda Prisional para o aumento da "componente fixa do suplemento por serviço da Guarda Prisional" num total de 300 euros.

De acordo com esse acordo, o aumento será pago de forma faseada: 200 euros desde julho deste ano, a que acrescem 50 euros em janeiro de 2025 e mais 50 euros em janeiro de 2026.

Ainda segundo fonte governamental, a secretária de Estado Adjunta e da Justiça, Maria Clara Figueiredo, reconheceu a eficiência da equipa da DGRSP para que este pagamento fosse agilizado tão rapidamente: "Quero sublinhar e agradecer o esforço da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, sem o qual não teria sido possível fazer o processamento destes montantes num prazo tão curto e que foi inferior a três dias úteis."

O Decreto-Lei que atualiza este suplemento foi publicado em Diário da República na sexta-feira, dia 23 de agosto.

O acordo foi na altura considerado "muito importante" pela ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, que no mesmo momento prometeu que Governo e sindicatos iriam continuar a conversar, porque ainda há "muito a fazer para valorizar os profissionais que prestam um serviço imprescindível" no sistema prisional.

Com RSF

Oposição diz que o mundo não reconhece Maduro

A líder da oposição venezuelana, María Corina Machado, disse ontem que "nenhum Governo democrático no mundo reconheceu" a reeleição de Nicolás Maduro, cuja vitória nas presidenciais de julho é contestada internamente e por diversos países da comunidade internacional. "A Venezuela votou a mudança e [o candidato do maior bloco de oposição, a Plataforma Unitária Democrática, PUD] Edmundo González Urrutia é o nosso presidente eleito", disse a ex-deputada, vincando a fraude eleitoral de Maduro. Sob o lema "ata mata sentença", os opositores reuniram-se ontem para defender os registos eleitorais publicados pela PUD – segundo os quais González Urrutia foi eleito por larga margem – antes da decisão do Supremo Tribunal de Justiça (TSJ), controlado por magistrados simpatizantes do chavismo, que validaram a vitória de Maduro. "Acreditavam que com aquela decisão, que nem sequer se pode chamar sentença, iam enganar alguns países ou dar-lhes desculpas para que com aquela divagação alguém reconhecesse a fraude", acusou.

Suíça contesta condenação sobre "inação climática"

O Governo suíço criticou ontem a decisão do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH) que condena o país helvético por inação climática. A 9 de abril a Suíça tornou-se o primeiro Estado a ser condenado pelo TEDH por inação climática, uma decisão que abre um precedente nos 46 Estados-membros do Conselho da Europa. Em reação a esta decisão, o Conselho Federal (Governo suíço) "criticou" a interpretação da Convenção Europeia dos Direitos Humanos em matéria de proteção do clima. O Conselho Federal censurou em comunicado a "interpretação alargada" da Convenção por parte do tribunal e considerou também que a Suíça "cumpre os requisitos do acórdão em termos de política climática." "Com a Lei do CO_2 revista de 15 de março de 2024, a Suíça definiu medidas para atingir os seus objetivos climáticos até 2030", argumentou. O Governo suíço considera que o TEDH não teve em conta esta evolução legislativa nem a Lei Federal de 23 de setembro de 2023, relativa a um abastecimento seguro de eletricidade com base em energias renováveis.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002

56742